



Em memória de Robert Kennedy

GIOVANNI MARIA VIAN

A notícia chegou ao Vaticano a meio da manhã: Robert Kennedy, o senador norte-americano, irmão do presidente assassinado há menos de cinco anos, encontrava-se em estado gravíssimo. O jovem político tinha sido vítima de um atentado num hotel de Los Angeles, onde já noite funda esperava com os seus apoiantes a vitória nas primárias na Califórnia. Entrementes, Paulo VI estava a encontrar-se com os peregrinos reunidos em São Pedro para a audiência geral daquela quarta-feira, 5 de junho de 1968. «A fé exige ação» tinha acabado de afirmar o Papa, e o que dá ao homem «o sentido da vida e das coisas, é a esperança da obra sábia e honesta, a força de sofrer e amar».

Foi neste momento que Montini, em inglês e depois em italiano, deu a notícia do atentado e da agonia do homem político com o qual se tinha encontrado a 4 de fevereiro de 1967 e que definiu, com a voz abalada pela comoção, «um homem jovem que estava a oferecer a própria pessoa ao serviço público do seu país». Poucas horas mais tarde, com apenas quarenta e dois anos, falecia Bob Kennedy.

Reiterava-se deste modo, também devido às circunstâncias nunca totalmente esclarecidas, o desti-

CONTINUA NA PAGINA 4



Durante a missa de Corpus Christi em Ostia apelo do Pontífice pela legalidade

Desatar os nós da opressão

E no Angelus exortou a pôr fim às violências na Nicarágua

Um apelo a fim de que em Ostia sejam «abatidos os muros da indiferença e da cumplicidade, arrancadas as grades dos abusos e das prepotências, abertas as vias da justiça, do decoro e da legalidade», foi feito pelo Papa no final da tarde de domingo 3 de junho, durante a missa celebrada na cidade do litoral romano. O bispo de Roma visitou-a com o objetivo de repetir, depois de cinquenta anos, o gesto do predecessor Paulo VI por ocasião da solenidade do Corpus Christi de 1968. Francis-

co presidiu à Eucaristia na praça adjacente à igreja paroquial de Santa Mónica, no final da qual foi realizada uma procissão do Santíssimo Sacramento pelas ruas do bairro, que se concluiu na praça ao lado da igreja de Nossa Senhora de Bonaria, onde o Pontífice concedeu a bênção eucarística. «O amplo litoral desta cidade evoca a beleza de se abrir – explicou o Papa – e de se fazer ao largo na vida». Mas, advertiu, «para fazer isto é preciso desatar aqueles nós que nos ligam nos ancoradouros

do medo e da opressão». E isto é possível, esclareceu, graças à Eucaristia. O significado da festa do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo foi aprofundado pelo Papa também na parte da manhã, durante o Angelus do meio-dia com os fiéis presentes na praça de São Pedro, no final do qual Francisco rezou pelo fim das violências e a retomada do diálogo na Nicarágua.

PÁGINAS 8 E 9

Abrir espaço ao Espírito Santo

O Papa convidou a não reccar as novidades e a rezar pela Amazônia

«Santidade pessoal e criatividade espiritual»: eis os dois requisitos exigidos para a «conversão missionária das estruturas da Igreja» auspiciado pelo Papa na manhã de 1 de junho, no discurso dirigido aos diretores nacionais das Pontifícias obras missionárias (Pom).

Recebendo-os em audiência na Sala Clementina do Palácio apostólico do Vaticano, por ocasião da assembleia geral anual que se conclui sábado 2, Francisco apresentou «o interessante caminho» que levará rumo ao mês missionário extraordinário de outubro de 2019, proclamado por ele, e durante o qual celebrará também o sínodo dos bispos para a Amazônia.

«Encorajo-vos fortemente a viver esta fase de preparação como uma grande oportunidade de renovação. Não se trata – explicou – de renovar apenas o velho, mas de permitir que o Espírito crie o novo. Portanto, é necessário abrir espaço ao espírito Santo, permitir que faça novas todas as coisas, pois ele é o protagonista da missão». Daqui a exortação a não ter «medo das novidades que provêm do Senhor crucificado e ressuscitado», a ser audazes, e a «avancar com a coragem, com o fervor dos primeiros que anunciaram o Evan-

gelho».



Salvador Dalí

«Apparuerunt illis dispartitae linguae» (1967)

A uma delegação de Moscovo

O ecumenismo faz-se caminhando

«O ecumenismo faz-se caminhando», reiterou o Papa Francisco no discurso, dirigido a 30 de maio a uma delegação do Patriarcado ortodoxo de Moscovo, guiada pelo metropolitano Hilarião de Volokolamsk.

«Estou feliz – garantiu o Pontífice – por percorrer convosco o caminho da unidade: a única vereda que nos promete algo de seguro, porque a senda da divisão nos leva rumo a guerras e destruição». Francisco afirmou que «em Moscovo, na Rússia, só existe um patriarcado, o vosso: não teremos outro». E convidou a abandonar «a bandeira do unitarismo»: com efeito, segundo o Papa «devem ser respeitadas as Igrejas unidas a Roma, mas o unitarismo como caminho de unidade hoje não funciona».

Mulheres de valor

Dorothy Day

À União italiana da luta contra a distrofia muscular Tutelar sempre a vida

A vida é um «dom divino» a «promover, preservar e tutelar desde a concepção até ao ocaso natural», recordou o Pontífice aos membros da União italiana da luta contra a distrofia muscular, recebidos em audiência na manhã de 2 de junho, na Sala Paulo VI.

Queridos irmãos e irmãs!

Dirijo a minha cordial saudação de boas-vindas a todos vós, representantes da União Italiana da Luta contra a Distrofia Muscular. Agradeço ao Presidente as suas palavras e exprimo o meu apreço pela generosa atividade dos sócios e voluntários das vossas secções locais, presentes em todo o território nacional, ao serviço das pessoas que sofrem de distrofias e de outras patologias neuromusculares. Para elas, sois como raios de esperança, que aliviam os momentos de solidão e desânimo, encorajando a enfrentar a doença com confiança e serenidade.

A vossa presença ao lado destas pessoas garante uma assistência amistosa, oferecendo-lhes serviços preciosos no âmbito médico e social. Além das ajudas concretas para enfrentar a vida diária, como o transporte, a fisioterapia, a assistência domiciliar, são importantes o calor humano, o diálogo fraterno, a ternura com a qual vos dedicais aos usuários das vossas estruturas. A reabilitação física pode e deve ser acompanhada pela reabilitação espiritual, praticada antes de tudo com gestos de proximidade, para lutar não só contra a dor física, mas também contra o sofrimento moral do abandono ou do isolamento.

Uma das características do vosso serviço é a gratuidade da prestação, isenta de interesses ou ideologias de parte. Gratuidade que, contudo, é acompanhada de profissionalismo e continuidade. Dos vossos sócios, além de outras virtudes, são solicitados: discrição, fidelidade, atenção, prontidão e eficácia na intervenção, capacidade de intuir inclusive os problemas não expressos do doente, humildade, seriedade, determinação, pontualidade, perseverança e respeito pelo enfermo em todas as suas exigências. Encorajo-vos a prosseguir este caminho, tornando-vos cada vez mais testemunhas de solidariedade e de caridade evangélica. De facto, a vossa obra preciosa é um fator peculiar de humanização: graças às várias formas de serviço que a vossa associação promove e concretiza, torna a sociedade mais atenta à dignidade do homem e às suas múltiplas expectativas.

Através da atividade que desempenhais, podeis experimentar também que, só se amar e se doar aos outros, a pessoa se realiza plenamente a si mesma. Jesus, o Filho de Deus que se fez homem, comunicou a razão profunda desta experiência humana. Ao manifestar o rosto de Deus que é amor (cf. *1 Jo* 4, 8), Ele revela ao homem que a lei suprema do seu ser é o amor. Na vida terrena Jesus tornou visível a ternura divina, esvaziando-se «a si mesmo ao assumir uma condição de servo, tornando-se semelhante aos homens» (cf. *Fl* 2, 7). Partilhando até à morte a nossa vicissitude terrena, Jesus ensinou-nos a caminhar na caridade.



A caridade representa a forma mais eloquente de testemunho evangélico porque, respondendo a necessidades concretas, revela aos homens o amor de Deus, providente e pai, sempre solícito para com cada um. Seguindo este ensinamento, muitos homens e mulheres cristãos, durante os séculos, escreveram páginas admiráveis de amor ao próximo. Recordo, entre muitos, os santos sacerdotes José Cottolengo, Luís Guanella e Luís Orione: a caridade deles deixou um sinal vigoroso na sociedade italiana. Também nos nossos dias,

quantas pessoas, ao comprometerem-se pelo próximo, descobriram a fé, porque no doente encontraram Cristo, Filho de Deus. Ele pede para ser servido nos irmãos mais débeis, fala ao coração de quem se põe ao serviço deles e faz sentir a alegria do amor abnegado, amor que é fonte da verdadeira felicidade.

Queridos irmãos e irmãs, a ajuda que se oferece é importante, mas é ainda mais o coração com o qual é oferecida. Sois chamados a ser um «ginásio» de vida, sobretudo para os jovens, contribuindo para os educar numa cultura de solidariedade e acolhimento, aberta às necessidades das pessoas mais débeis. E isto acontece através da grande lição do sofrimento: uma lição que vem das pessoas enfermas e sofredoras e que cátedra alguma pode transmitir. Quem sofre compreende mais o valor do dom divino da vida, a promover, preservar e tutelar desde a concepção até ao ocaso natural.

A todos vós, responsáveis, sócios e voluntários, agradeço o vosso engajamento. Encorajo-vos a prosseguir o vosso caminho, juntamente com os vossos familiares, amigos e quantos vos estão próximos. Possais imitar a Virgem Maria que, partindo à pressa para ajudar a prima Isabel, fez mensageira de alegria e salvação (cf. *Lc* 1, 39-45). Que ela vos ensine o estilo da caridade humilde e ativa e vos obtenha do Senhor a graça de o reconhecer nos sofredores. A vós, queridos doentes aqui presentes, exprimo o meu afeto e a minha proximidade. A todos peço por favor que rezeis por mim, e de coração concedo-vos a Bênção Apostólica.

Novo embaixador da Colômbia apresentou credenciais

Sua Excelência o senhor Julio Aníbal Riaño Velandia, novo embaixador da Colômbia junto da Santa Sé, nasceu a 3 de março de 1949. É casado e tem dois filhos. Formou-se em direito internacional e diplomacia (Universidade de Bogotá “Jorge Tadeo Lozano”) e obteve um mestrado em economia regional (Universidade Federal, Brasil). Desempenhou, entre outros, os seguintes cargos: editorialista para as questões concernentes à Amazônia; professor convidado na universidade Javeriana – Academia colombiana de história; diretor de teses e depois professor universitário de direito diplomático, protocolo e política internacional na Universidade de Bogotá “Jorge Tadeo Lozano”; funcionário no ministério dos negócios estrangeiros – Mne (1974); vice-diretor e depois diretor adjunto do Protocolo junto do Mne; ministro conselheiro de embaixada na Argentina; diretor-geral para a Ásia, África e Oceânia no Mne; diretor-geral do Protocolo no Mne (1994-1999); embaixador na Costa Rica (1999-2006); de novo diretor-geral do Protocolo no Mne (2006-2011); ministro de embaixada no México (2011-2013); e embaixador em El Salvador (desde 2013).



Na manhã de quinta-feira, 24 de maio, o Pontífice recebeu em audiência Sua Excelência o senhor Julio Aníbal Riaño Velandia, novo embaixador da Colômbia por ocasião da apresentação das cartas com as quais é acreditado junto da Santa Sé

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL • EM PORTUGUÊS
Unicuique suum • Non praevalent

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 00521231042036, e-mail: ossrom@editoriasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@direzioneromano.com

Jogo em equipe

Mensagem do Papa sobre a perspectiva cristã do desporto

Por ocasião da publicação do documento do Dicastério para os leigos, a família e a vida: «Dar o melhor de si mesmo». Na perspectiva cristã do desporto e da pessoa humana, o Papa enviou ao cardeal prefeito Kevin Farrell a mensagem cujo texto publicamos a seguir.

Ao Venerado Irmão
Senhor Cardeal Kevin Farrell
Prefeito do Dicastério
para os Leigos
a Família e a Vida

Foi com alegria que recebi a notícia da publicação do documento: «Dar o melhor de si mesmo». Na perspectiva cristã do desporto e da pessoa humana, que o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida preparou, com a finalidade de evidenciar o papel da Igreja no mundo do desporto e como o desporto pode constituir um instrumento de encontro, formação, missão e santificação.

O desporto é um lugar de encontro onde pessoas de todos os níveis e condições sociais se unem para obter um resultado comum. Numa cultura dominada pelo individualismo e pelo descarte das jovens gerações e dos idosos, o desporto é um âmbito privilegiado em volta do qual as pessoas se encontram sem distinções de raça, sexo, religião ou ideologia, e onde podemos experimentar a alegria de competir para alcançar uma meta juntos, participando num grupo no qual o sucesso ou a derrota são compartilhados e superados; isto ajuda-nos a rejeitar a ideia de conquistar um objetivo, centrando-nos somente em nós mesmos. A necessidade do outro engloba não apenas os companheiros de equipe, mas também os dirigentes, o treinador, os torcedores, a família, em síntese, todas as pessoas que, com esforço e dedicação, tornam possível chegar a “dar o melhor de si mesmo”. Tudo isto faz do desporto um catalisador de experiências de comunidade, de família humana. Quando um pai joga com o seu filho, quando as crianças brincam juntas no parque ou na escola, quando o desportivo festeja a vitória com os seus torcedores, em todos estes ambientes podemos ver o valor do desporto como lugar de união e de encontro entre as pessoas. Tanto no desporto co-



Carlo Carrà, «Jogo de futebol» (1934)

mo na vida, só alcançamos grandes resultados juntos, em grupo!

O desporto é também um veículo de formação. Talvez hoje mais do que nunca, devamos fixar o olhar nos jovens, dado que, quanto antes começar o processo de formação, tanto mais fácil será o desenvolvimento integral da pessoa através do desporto. Sabemos que as novas gerações olham e se inspiram nos desportistas. Por isso, é necessária a participação de todos os desportistas, de qualquer idade e nível, para que quantos fazem parte do mundo do desporto sejam um exemplo de virtudes como a generosidade, a humildade, o sacrifício, a constância e a alegria. Do mesmo modo, deveriam oferecer a sua contribuição para o que

se refere ao espírito de grupo, ao respeito, à competição saudável e à solidariedade para com os outros. É essencial que todos estejam conscientes da importância que o exemplo tem na prática desportiva, porque é um bom arado em terra fértil que favorece a colheita, contanto que se cultive e se trabalhe de maneira adequada.

Finalmente, gostaria de ressaltar o papel do desporto como meio de missão e santificação. A Igreja é chamada a ser sinal de Jesus Cristo no mundo, inclusive mediante o desporto praticado nos oratórios, nas paróquias, nas escolas, nas associações... Todas as ocasiões são boas para anunciar a mensagem de Cristo, «oportuna e inoportunamente» (2 Tm 4, 2). É importante levar, comunicar esta alegria transmitida pelo desporto, que mais não é do que descobrir as potencialidades da pessoa, que nos chamam a revelar a beleza da criação e do próprio ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus. O desporto pode abrir o caminho rumo a Cristo nos lugares ou ambientes onde, por vários motivos, não é possível anunciá-lo de modo direto; e as pessoas, com o seu testemunho de alegria, praticando o desporto de forma comunitária, podem ser mensageiras da Boa Nova.

Dar o melhor de si mesmo no desporto é também uma chamada a aspirar à santidade. Durante o recente encontro com os jovens, em preparação para o Sínodo dos Bispos, manifestei a convicção de que todos os jovens ali presentes, fisicamente ou mediante as redes sociais, sentiam o desejo e a esperança de dar o melhor de si mesmos. Utilizei a mesma expressão na recente Exortação Apostólica, recordando que o Senhor tem um modo único e específico de chamar cada um de nós à santidade: «É importante que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, quanto Deus colocou nele de muito pessoal» (Gaudete et exsultate, 11).

É necessário aprofundar a estreita relação que existe entre o desporto e a vida, que possam iluminar-se reciprocamente, a fim de que o esforço de se superar numa disciplina atlética sirva também de estímulo para melhorar sempre como pessoa em todos os aspetos da vida. Esta busca coloca-nos no caminho que, com a ajuda da graça de Deus, nos pode conduzir rumo àquela plenitude de vida à qual nós chamamos santidade. O desporto é uma riquíssima fonte de valores e virtudes que nos ajudam a melhorar como pessoas. Assim como o atleta durante o treino, também a prática desportiva nos ajuda a dar o melhor de nós mesmos, a descobrir sem medo os nossos limites e a lutar para melhorar todos os dias. Deste modo «cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo» (ibid., n. 33). Portanto, para o desportivo cristão a santidade será viver o desporto como um meio de encontro, de formação da personalidade, de testemunho e de anúncio da alegria de ser cristão com quantos o circundam.

Rezo ao Senhor, por intercessão da Santíssima Virgem, a fim de que este documento produza frutos abundantes, tanto no compromisso eclesial em prol da pastoral do desporto, como além do âmbito da Igreja. A todos os desportistas e agentes pastorais que se reconhecem na grande “equipe” do Senhor Jesus, peço por favor que rezem por mim, enquanto vos concedo de coração a minha Bênção.

Vaticano, 1 de junho de 2018
Memória do Mártir São Justino

FRANCISCO

Instrumento de formação e missão

Doping e corrupção levam o desporto à ruína. É a denúncia contida no documento do Dicastério para os leigos, a família e a vida, com o título *Dar o melhor de si mesmo. Na perspectiva cristã do desporto e da pessoa humana*, apresentado na Sala de Imprensa da Santa Sé no dia 1 de junho. Ilustraram o texto, juntamente com a mensagem que o Papa Francisco quis enviar a todos os amantes do desporto por ocasião da publicação do documento, o cardeal prefeito Kevin Farrell, Antonella Stelitano, membro da Sociedade italiana de história do desporto, padre Patrick Kally, professor associado de teologia na universidade de Seattle, e Santiago Pérez de Cami-

no, responsável da Secção Igreja e desporto do dicastério.

Trata-se do primeiro documento da Santa Sé sobre o desporto, como frisou o cardeal Farrell. Com efeito, existem discursos e mensagens de vários Pontífices dirigidos ao mundo do desporto e muitos congressos foram organizados pela Santa Sé a este respeito; mas «ainda não existia um documento que reunisse o pensamento e os desejos da Igreja católica relativos à prática desportiva, quer a nível profissional quer amador».

O purpurado explicou que o documento está dividido em cinco capítulos: a relação entre a Igreja e o desporto (I); uma descrição do fenómeno despor-

tivo com um olhar atento à pessoa humana (II e III); alguns dos atuais desafios aos quais o desporto está chamado a fazer face (IV); a Igreja e a pastoral do desporto (V). No texto foram inseridas citações do magistério pontifício sobre o desporto, de Pio X ao Papa Francisco. São extraídas de discursos, saudações e homilias que «poderiam ajudar a desenvolver a pastoral do desporto no respeitante à sua promoção e formação. O documento tem um caráter de divulgação e de pastoral, por ser uma reflexão sobre o estado do desporto hoje, com algumas indicações e sugestões úteis para as Conferências episcopais e dioceses.

Mulheres de valor

Dorothy Day

MARIA CLARA
LUCCHETTI BINGEMER

Dorothy Day nasceu em Nova Iorque em 1897. Passou grande parte da infância e da adolescência em Chicago. Estudou durante dois anos na universidade de Illinois Urbana Champaign, antes de regressar a Nova Iorque com a sua família em 1916. Em Nova Iorque Dorothy trabalhou como repórter para «The Call», o único jornal socialista da cidade. Trabalhou em seguida para a revista «The Masses», que se opunha ao envolvimento dos Estados Unidos, que acabaram por entrar em setembro de 1917, na guerra que se alastrava na Europa. Em novembro do mesmo ano, Dorothy Day foi presa por ser uma das quarenta mulheres que se reuniram diante da Casa Branca para protestar contra a exclusão das mulheres do direito ao voto.

Em Nova Iorque a jovem jornalista levou uma vida muito inquieta, de boémia. Deu início a uma relação com um jornalista mulherengo, Lionel Moise, pelo qual se apaixonou perdidamente. Ficou grávida e abortou. Foi uma experiência dolorosa que a marcou para sempre. Pensou que tinha ficado estéril e nunca mais podia ter filhos. Teve outras relações mas não conseguia esquecer aquele sedutor irresponsável que de vez em quando se reapresentava na sua vida.

Em seguida encontrou um amor mais maduro, com o qual viveu de verdade um período de maior estabilidade emotiva e afetiva. Chamava-se Forster Batterham e era um botânico. Com ele contraiu uma união civil estável. Viveram em Staten Island, numa casa em frente do mar. Com Forster, Dorothy aprendeu o amor pela natureza. E um dia teve a grata surpresa de descobrir que estava grávida. Num processo de renascimento interior e de enorme alegria teve uma filha à qual deu o nome de Tamar Theresa.

Aquele nascimento constituiu o ápice do seu encontro com a felicidade, graças à relação com Forster e, ao mesmo tempo, uma chamada definitiva a ver em Deus o centro da sua vida: «Nenhuma criatura humana pode receber nem conter uma enchente tão forte de amor e de alegria como a que eu sentia com frequência depois do nascimento da minha filha; disso surgiu a necessidade de louvar, de adorar».

A sua ideologia, a sua militância e tudo o que tinha aprendido e vivido até àquele momento geraram nela um grande conflito interior entre a chamada de Deus e as ruturas que a mesma exigia dela. A chamada de Deus prevaleceu sobre qualquer outra coisa e Dorothy, com a imensa gratidão que lhe enchia o coração, decidiu que a escolha mais certa era batizar a sua filha na Igreja católica. «Não queria que a minha filha se debatesse e tropeçasse na vida como

eu, tantas vezes, me tinha debatido e tropeçado. Queria ter fé, e queria que a minha filha a tivesse, e pertencer a uma Igreja podia proporcionar-lhe uma graça tão inestimável como a fé em Deus, e a companhia amorosa dos santos; por isso era necessário batizá-la como católica».

Tamar Theresa foi batizada antes da mãe. Dorothy esperou o dia 28 de dezembro do mesmo ano do nascimento da filha para ser batizada, depois de uma dolorosa e definitiva rutura com Forster, certamente devida ao abismo religioso que se tinha criado entre eles, o qual se tornara ainda mais profundo depois do nascimento de Tamar Theresa. O prego que Dorothy teve que pagar pela sua decisão de batizar a filha e de abraçar por sua vez a fé católica foi enorme: o fim da sua união com um homem que amava e a perda de diversos amigos e companheiros.

Teve assim início uma nova etapa na vida desta mulher extraordinária. A sua personalidade, ser portadora de um corpo feminino, habitado por desejos e habituado a vibrar de prazer com as carícias do homem amado; um corpo que tinha gerado, dado à luz e alimentado a filha tão amada, que a partir daquele momento teria sido a força da sua vida; um corpo que depois da separação do companheiro teve que enfrentar a solidão e o peso de lutar como leiga e mãe, sozinha numa sociedade que discriminava as mulheres e numa Igreja ainda muito marcada pelo machismo: tudo isto assinalou, dali em diante, o destino de Dorothy. Mas será aquele mesmo corpo que vibrará de compaixão e de solidariedade para com todos os homens e mulheres pobres e infelizes que cruzará no seu caminho e que lhe fará experimentar, como se fossem seus, os sofrimentos do mundo e da humanidade.

Depois de se ter separado de Forster, encontrou Peter Maurin, o grande companheiro e sócio na sua vida espiritual e no seu trabalho apostólico. Nele Dorothy encontrou um cristão e um reformador com o qual experimentou uma comunhão de mente e de sentimentos. Em 1933 juntos deram início ao Catholic Worker Movement, que não só publicou um jornal influente, o qual, em pouco tempo, alcançou uma tiragem de mais de mil cópias, mas fundou também numerosas casas de acolhimento para servir os desabrigados vítimas da grande depressão que tinha acometido o país depois da quebra da bolsa em 1929. Naquele momento da sua vida Dorothy Day deu o passo definitivo para viver como e com os pobres.

Tinha convivido desde sempre com temas como a justiça e a transformação das estruturas sociais — consideradas pela Igreja da sua juventude alheias à busca de uma salvação individual através de um crescimento espiritual, separado da responsabilidade pela organização do



mundo — e agora confirmavam-se e davam sentido à sua existência. Via claramente que não basta lutar contra os efeitos da pobreza. A pobreza é um mal e deve ser extirpada. Por conseguinte, é preciso transformar a sociedade pela raiz. Semelhantes reflexões mostram que Dorothy Day, na experiência da sua fé católica e da sua mística, recebe de Deus inspiração e entendimento, que a colocam sempre à frente nas reflexões mais progredidas dos católicos do seu tempo.

Tais reflexões, que se multiplicam em todos os seus escritos, apresentam-na como uma pioneira de movimentos que só mais tarde teriam emergido na Igreja. Por exemplo, a consciência do pecado social e da necessidade de soluções estruturais, em vez de soluções meramente paliativas e fragmentárias, estaria muito presente na teologia da libertação que explodiu com grande força na Igreja latino-americana nos anos setenta.

Certamente Dorothy Day foi uma revolucionária, mas coerente com aquilo a que chamava «revolução do coração». Foi sem dúvida uma mística, mas uma mística fora do comum. Nos anos sessenta foi apreciada e elogiada por líderes da contracultura,

como Abbie Hoffman, que a descreveu como a primeira hippie, descrição que lhe agradou e que ela aprovou. Escreveu com paixão sobre os direitos da mulher nos anos dez, mas opôs-se à revolução sexual dos anos sessenta, tendo observado os seus efeitos devastadores nos anos vinte.

Conseguiu manter juntas uma atitude progressista na defesa dos direitos humanos, sociais e económicos com um sentido muito ortodoxo e tradicional da moralidade e da piedade católica. Contudo, a sua devoção e obediência à Igreja não eram cegas ou acríticas. Por exemplo, condenou publicamente o general Francisco Franco durante a guerra civil espanhola, o que lhe casou a oposição de muitos católicos norte-americanos, religiosos e leigos. Teve que mudar o nome do seu jornal, «Catholic Worker» porque aparentemente «o termo “católico” implicava uma ligação eclesial oficial, e tal não era o caso». As suas lutas principais foram a favor da justiça e da paz. Por elas viveu e morreu. A sua peregrinação terrena concluiu-se a 29 de dezembro de 1980 em Maryhouse, Nova Iorque, onde faleceu entre os pobres.

Em memória de Robert Kennedy

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

no do irmão John, que Paulo VI recordara no mesmo dia do assassinio em Dallas, a 22 de novembro de 1963, com palavras transmitidas pela ABC, a rede de televisão mais difundida dos Estados Unidos, e a sorte de Martin Luther King. Um assassinato «cobarde e atroz» «que pesa na consciência do mundo» e a cuja recordação o Papa chegou a unir «a trágica narração da Paixão de Cristo» no final da homilia para o Domingo de Ramos a 7 de abril de 1968, três dias após o atentado de Memphis que pôs fim à vida do pastor protestante de trinta e nove anos que lutava pelos direitos civis dos afro-americanos.

Três figuras de cristãos que Montini associou explicitamente ao dia 9 de junho de 1968, falando antes do Angelus dominical. Deles,

disse Paulo VI, «faremos bem em recordar a voz, em prol dos pobres, dos deserdados, dos segregados, do progresso urgente, numa palavra, da justiça social, obtida não com a violência e com as divergências entre os cidadãos e irmãos, mas com a afirmação enérgica e coerente da liberdade, da fraternidade e da responsabilidade».

Aquela noite terrível na cozinha do Embaixador de Los Angeles, onde Bob Kennedy estava a ser festejado pelo pessoal do hotel, foi Juan Romero, um empregado de mesa mexicano de dezassete anos, quem colocou um terço nas mãos do senador moribundo. Da sua recordação, agora entregue aos meios de comunicação, e das palavras de Montini meio século mais tarde, sentimos como nunca necessidade.

A «conversão missionária» das estruturas da Igreja exige «santidade pessoal e criatividade espiritual», recordou o Papa aos participantes na assembleia geral das Pontifícias obras missionárias, recebidos em audiência na manhã de 1 de junho, na Sala Clementina.

Senhor Cardeal
Queridos irmãos e irmãs!

Recebo-vos com alegria por ocasião da vossa Assembleia Geral e saúdo-vos cordialmente. Agradeço ao Cardeal Filoni as suas palavras de introdução, e saúdo o novo Presidente das Pontifícias Obras Missionárias, D. Giampietro Dal Toso, que pela primeira vez participa neste vosso encontro anual. A todos manifesto vivo sentido de gratidão pelo trabalho de sensibilização missionária do Povo de Deus e garanto-vos a minha recordação na oração.

Temos diante de nós um interessante caminho: a preparação do Mês Missionário Extraordinário em outubro de 2019, que eu quis proclamar no passado Dia Mundial das Missões de 2017. Encorajo-vos fortemente a viver esta fase de preparação como uma grande oportunidade para renovar o compromisso missionário de toda a Igreja. E é também ocasião providencial para renovar as nossas Pontifícias Obras Missionárias. As coisas devem sempre ser renovadas: renovar o coração, as obras, as organizações, porque, caso contrário, acabaremos todos num museu. Devemos renovar para não acabar no museu. Bem conheci a minha preocupação pelo perigo que o vosso trabalho se reduza a mera dimensão monetária da ajuda material – esta é uma verdadeira preocupação – transformado-se numa agência como tantas, mesmo se cristãmente inspirada. Sem dúvida não é isto que os fundadores das Pontifícias Obras e que o Papa Pio XI desejavam quando as fizeram nascer e as organizaram ao serviço do Sucessor de Pedro. Portanto, propus novamente como atual e urgente para a renovação da consciência missionária de toda a Igreja hoje, uma grande e corajosa intuição do Papa Bento XV, contida na sua Carta apostólica *Maximum illud*: ou seja, a necessidade de requalificar evangelicamente a missão da Igreja no mundo.

Este objetivo comum pode e deve ajudar as Pontifícias Obras Missionárias a viver uma comunhão de espírito, de colaboração recíproca e de mútuo apoio. Se a renovação for autêntica, criativa e eficaz, a reforma das vossas Obras consistirá numa refundação, numa requalificação segundo as exigências do Evangelho. Não se trata simplesmente de reconsiderar as motivações para melhorar o que já fazeis. A conversão missionária das estruturas da Igreja (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 27) requer santidade pessoal e criatividade espiritual. Por conseguinte, não só renovar o velho, mas permitir que o Espírito Santo crie o novo. Não nós: o Espírito Santo. Abrir espaço ao Espírito Santo, permitir que o Espírito Santo crie o novo, renove tudo (cf. *Sl* 104, 30; *Mt* 9, 17; *2 Pd* 3, 13; *Ap* 21, 5). Ele é o protagonista da missão: é o “chefe” das Pontifícias Obras Missionárias. Ele, não nós.



Abrir espaço ao Espírito Santo

Francisco convidou a não recear as novidades e a rezar pela Amazônia

Não tenhais medo das novidades que provêm do Senhor Crucificado e Ressuscitado: estas novidades são bonitas. Tende medo das outras novidades: estas não são boas! As que não provêm dali. Sede auidazes e corajosos na missão, colaborando com o Espírito Santo sempre em comunhão com a Igreja de Cristo (cf. Exort. ap. *Gaudete et exultate*, 131). E esta audácia significa proceder com a coragem, com o fervor dos primeiros que anunciaram o Evangelho. O vosso livro habitual de oração e meditação seja os Atos dos Apóstolos. Lê-lo para ali encontrar inspiração. E o protagonista daquele livro é o Espírito Santo.

Que pode significar para vós Pontifícias Obras, que juntamente com a Congregação para a Evangelização dos Povos estais a preparar o Mês Missionário Extraordinário, requalificar-vos sob o ponto de vista evangélico? Penso que significa simplesmente uma *conversão missionária*. Precisamos de nos requalificarmos – a intuição de Bento XV – de nos requalificarmos a partir da missão de Jesus, requalificar o esforço de recolha e distribuição das ajudas materiais à luz da missão e da formação que ela exige, a fim de que consciência, conscientização e responsabilida-

de missionárias voltem a fazer parte da experiência comum vivida por todo o santo Povo fiel de Deus.

«Batizados e enviados: a Igreja de Cristo em missão no mundo». Eis o tema que escolhemos para o Mês Missionário de outubro de 2019. Este tema sublinha que o envio para a missão é uma chamada ínsita no Batismo e está presente em todos os batizados. Assim a missão é envio para a salvação que atua a conversão do enviado e do destinatário: a nossa vida é, em Cristo, uma missão! Nós mesmos *somos* missão porque somos amor de Deus comunicado, somos santidade de Deus criada à sua imagem. A missão é, portanto, santificação nossa e do mundo inteiro, desde a criação (cf. *Ef* 1, 3-6). A dimensão missionária do nosso Batismo traduz-se assim num testemunho de santidade que doa vida e beleza ao mundo.

Renovar as Pontifícias Obras Missionárias significa, por conseguinte, ter a peito, com empenho sério e corajoso, a santidade de cada um e da Igreja como família e comunidade. Peço-vos que renoveis com criatividade a natureza e a ação das Pontifícias Obras Missionárias, pondo-as ao serviço da missão, a fim de que no cerne das nossas preocupações

haja a santidade da vida dos discípulos missionários.

Com efeito, para poder colaborar na salvação do mundo, é necessário amá-lo (cf. *Jó* 3, 16) e estar dispostos a dar a vida servindo Cristo, único Salvador do mundo. Nós não temos um produto para vender – não se trata de proselitismo, não temos um produto à venda – mas uma vida para comunicar: Deus, a sua vida divina, o seu amor misericordioso, a sua santidade! E é o Espírito Santo que nos envia, acompanha, inspira: é Ele o autor da missão. É Ele quem leva em frente a Igreja, não nós. Nem sequer a instituição Pontifícias Obras Missionárias. Será que deixo que Ele seja – podemos questionar-nos – o protagonista? Ou quero domesticá-lo, enjaulá-lo nas numerosas estruturas mundanas que, afinal, nos levam a conceber as Pontifícias Obras Missionárias como uma firma, uma empresa, algo nosso, mas com a bênção de Deus? Não, isto não está bem. Devemos fazer esta pergunta: deixo que seja ele ou prendo-o? Ele, o Espírito Santo, faz tudo; nós somos apenas seus servos.

Como sabeis muito bem, em outubro de 2019, Mês Missionário Extraordinário, celebraremos o Sinodo para a Amazônia. Acolhendo as preocupações de muitos fiéis, leigos e pastores, quis que nos encontrássemos para rezar e refletir sobre os desafios da evangelização destas terras da América do Sul onde vivem importantes Igrejas particulares. Gostaria que esta coincidência nos ajudasse a manter fixo o nosso olhar em Jesus Cristo ao enfrentar problemas, desafios, riquezas e pobreza; que nos ajudasse a renovar o compromisso de serviço ao Evangelho para a salvação dos homens e das mulheres que vivem naquelas terras. Rezemos a fim de que o Sinodo para a Amazônia possa requalificar evangelicamente a missão também nessa região tão provada do mundo, injustamente explorada e que necessita da salvação de Jesus.

Maria, quando foi ter com Isabel, não o fez como um gesto seu, como missionária. Foi como serva daquele Senhor que trazia no ventre: nada disse sobre si mesma, levou somente o Filho e louvou a Deus. Mas é verdade que ia depressa. Ela ensina-nos esta *pressa* fiel, esta espiritualidade da *pressa*. A *pressa* da fidelidade e da adoração. Não era a protagonista, mas a serva do único protagonista da missão. Que este ícone nos ajude. Obrigados!

Audiência ao presidente da República do Benim

O Papa Francisco recebeu na manhã de sexta-feira, 18 de maio, no Palácio apostólico do Vaticano, o presidente da República do Benim, Patrice Talon, o qual em seguida se encontrou com o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, acompanhado pelo arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados.

Os cordiais colóquios evocaram as boas relações existentes entre a Santa Sé e o Benim, ulteriormente fortalecidas pelo acordo bilateral assinado em Cotonou a 21 de outubro de 2016. Além disso, foi sublinhada a contribuição positiva da Igreja católica na sociedade beninense, especialmente nos campos da educação, da saúde e da promoção humana. Foi analisada também a situação sócio-económica do país, com especial referência a alguns temas de interesse comum, como o desenvolvi-



mento, a luta contra a pobreza, as reformas em curso no país e a importância do diálogo inter-religioso. Por fim, foram abordados alguns temas de caráter internacional, com particular ênfase aos desafios que interessam atualmente a região.

O papel da comunicação na formação dos jovens

Um jornalismo responsável e vigilante

São necessárias «responsabilidade» e «vigilância sábia» no exercício da profissão jornalística, reiterou o Papa Francisco na manhã de 4 de junho, recebendo na sala Clementina uma delegação do mundo da comunicação, por ocasião da entrega do prémio internacional de jornalismo intitulado a Biagio Agnes.

Caros amigos!

Sede bem-vindos! Saúdo e agradeço à Doutora Simona Agnes, aos membros do Júri e a todos vós aqui presentes que, a vários níveis desempenhais papéis importantes no âmbito da comunicação. A Fundação que promove o prémio tem o nome de Biagio Agnes, um dos jornalistas italianos mais conhecidos, defensor do serviço público, que diversas vezes interveio sobre a função do jornalista como garante da informação correta, confiável, autêntica e pontual.

Valorizando o seu ensinamento, todos vós estais empenhados, antes de tudo pessoalmente, em prol de uma comunicação que saiba antever a verdade aos interesses individuais ou de corporações. Além disso, observando aquilo que é produzido pela indústria cultural, com este prémio vós indicais à sociedade jornalistas, homens e mulheres, que se distinguem pela responsabilidade no exercício da profissão. Com efeito, ser jornalista tem a ver com a formação das pessoas, da sua visão do mundo e das suas atitudes face aos acontecimentos. Trata-se de um trabalho exigente, que neste momento vive uma época caracterizada, por um lado, pela convergência digital e, por outro, pela transformação da própria *mídia*.

Acontece que muitas vezes, por ocasião de viagens apostólicas ou de outros encontros, vejo uma diferença de modalidades produtivas: desde as clássicas *equipes* televisivas até aos jovens que, com um telemóvel, sabem produzir uma notícia para algum portal. Ou então das tradicionais rádios a verdadeiras entrevistas feitas sempre com o telemóvel. Tudo isto diz que realmente estamos a viver uma transformação urgente das formas e das linguagens de informação.

É cansativo entrar neste processo de transformação, mas é cada vez mais necessário, se quisermos continuar a ser educadores das novas gerações. Eu dizia que é cansativo, e acrescentaria que é necessária uma vigilância sábia. Com efeito, «as dinâmicas dos mass media e do mundo digital [...] quando se tornam omnipresentes, não favorecem o desenvolvimento de uma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade. Neste contexto, os grandes sábios do passado correriam o risco de ver sufocada a sua sabedoria no meio do ruído dispersivo da informação» (Enc. *Laudato si'*, 47).

Não existem receitas, mas gostaria de sublinhar três palavras: periferias, verdade e esperança.

Periferias. Com muita frequência, os lugares nevralgicos da produção de notícias estão nos grandes centros. No entanto, isto nunca nos deve levar a esquecer as histórias das pessoas que vivem distantes, afastadas, nas periferias. Às vezes são histórias de sofrimento e degradação; por vezes, são histórias de grande solidariedade, que podem ajudar todos a ver a realidade de modo renovado.

Verdade. Todos nós sabemos que o jornalista é chamado a escrever o que pensa, o que corresponde à sua compreensão consciente e responsável de um acontecimento. É necessário ser muito exigente consigo mesmo, para não cair na armadilha das lógicas de contraposição por interesses ou ideologias. Hoje, num mundo onde tudo é rápido, é cada vez mais urgente fazer apelo à difícil e extenuante lei da pesquisa aprofundada, do confronto e, se for necessário, até do silêncio, para não ferir uma pessoa ou um grupo de pessoas, ou até deslegitimar um acontecimento. Sei



que é difícil, mas a história de uma vida só se compreende no final, e isto deve ajudar-nos a ser corajosos e até, diria, proféticos.

Esperança. Não se trata de descrever um mundo sem problemas: seria uma ilusão. Trata-se de abrir espaços de esperança, enquanto se denunciam situações de degradação e desespero. O jornalista não deveria sentir-se bem somente pelo facto de ter narrado um acontecimento segundo a sua responsabilidade livre e consciente. Ele é chamado a manter aberto um espaço de saída, de sentido, de esperança.

Concluo recordando uma das iniciativas que a Fundação Biagio Agnes promove, graças à tenacidade da sua Presidente: o Foro de divulgação científica "Check-Up para a Itália", projeto derivado de uma ideia de Biagio Agnes, que tem o objetivo de aprofundar temáticas médico-científicas através de uma informação exata que contraste a proliferação de in-

formações "improvisadas" e de notícias aproximativas, que podem ser encontradas cada vez mais frequentemente na Rede e que chamam muito mais a atenção do público do que a ciência. Há poucas semanas, o Pontifício Conselho para a Cultura encerrou um congresso internacional exatamente sobre estas temáticas. A tal propósito, gostaria de recordar que «é preciso assegurar um debate científico e social que seja responsável e amplo, capaz de considerar toda a informação disponível e chamar as coisas pelo seu nome. Às vezes não se coloca sobre a mesa a informação completa, mas ela é selecionada de acordo com os próprios interesses, quer eles sejam políticos, económicos ou ideológicos» (*Laudato si'*, 135).

Agradeço-vos mais uma vez e apresento as minhas felicitações aos premiados. E, por favor, recordai-vos de rezar por mim. Obrigado!

Calendário das celebrações presididas pelo Papa

Nos meses de junho, julho e agosto

JUNHO

3 DOMINGO
SOLENIDADE DO SANTÍSSIMO
CORPO E SANGUE DE CRISTO
Ostia, 18h00. Santa Missa na
igreja de Santa Mónica. Procissão
até à igreja de Nossa Senhora de
Bonaria e Bênção eucarística.

21 QUINTA-FEIRA
Peregrinação ecuménica a Ge-
nebra.

28 QUINTA-FEIRA
Basílica de São Pedro, 16h00.
Capela papal. Consistório ordina-
rio público para a criação de car-
deais.

29 SEXTA-FEIRA
SOLENIDADE
DOS SANTOS APÓSTOLOS
PEDRO E PAULO
Praça de São Pedro, 9h30. Ca-
pela papal. Santa Missa e Bênção

dos pálios para os novos arcebis-
pos metropolitanos.

JULHO

7 SÁBADO
Bari, Encontro ecuménico de
oração pela paz no Médio
Oriente.

AGOSTO

25 SÁBADO – 26 DOMINGO
Viagem Apostólica a Dublin
por ocasião do Encontro mundial
das famílias.

Cidade do Vaticano, 29 de
maio de 2018

Monsenhor Guido Marini
Mestre das Celebrações
Litúrgicas Pontifícias

Os bispos do Bangladesh em visita «ad limina»



Na manhã de quinta-feira, 24 de maio, o Santo Padre recebeu em audiência os prelados da Conferência episcopal do Bangladesh em visita «ad limina»

Peter Andraszko
«Unity»



Juntos pelo caminho da unidade

Discurso à delegação do patriarcado de Moscovo

«O ecumenismo faz-se caminhando», reiterou o Papa Francisco no discurso que dirigiu na manhã de 30 de maio, no ambiente adjacente à sala Paulo VI, aos membros de uma delegação do Patriarcado ortodoxo de Moscovo, chefiada pelo metropolitano Hilarião de Volokolamsk. Em seguida, as palavras do Pontífice.

Muito obrigado pela vossa visita e também por este encontro, que nos ajuda deveras a viver a nossa fé em unidade e esperança de caminhar juntos. Estou feliz por percorrer convosco a verdade da unidade: é a única senda que nos promete algo certo, uma vez que o caminho da divisão nos conduz rumo às guerras e à destruição. E perante vós gostaria de repetir – de modo especial diante de ti, estimado irmão, e perante todos vós – que a Igreja católica nunca permitirá que dos seus derive uma atitude de divisão. Nunca nos permitiremos fazer isto, não o quero. Em Moscovo – na Rússia – existe um único Patriarcado: o vosso. Não teremos outro. E quando algum fiel católico, tanto leigo como sacerdote ou bispo, levanta a bandeira do uniatismo, que já não funciona, que acabou, também para mim é doloroso. É necessário respeitar as Igrejas que estão unidas a Roma, mas hoje o uniatismo como caminho de unidade já não funciona. Ao contrário, conforta-me quan-

do encontro isto: a mão estendida, o abraço fraterno, pensar juntos e caminhar. O ecumenismo faz-se caminhando. Caminhemos! Alguns pensam – mas isto não é correto – que primeiro deve haver o acordo doutrinal, sobre todos os pontos de divisão, e depois o caminhar. Para o ecumenismo isto não funciona, pois não se sabe quando chegará o acordo. Certa vez ouvi um homem de Igreja, um homem de Deus, dizer: “Eu sei em que dia será assinado o acordo doutrinal”. Perguntaram-lhe: “Quando?” – “No dia seguinte à vinda de Cristo glorioso”. Devemos continuar a estudar teologia, a esclarecer as questões, mas entretanto caminhar juntos, sem esperar que se resolvam estas problemáticas para caminhar, não é! Caminha-se e faz-se também isto, mas caminhemos na caridade, na oração; como este exemplo das relíquias. Oremos juntos, uns pelos outros, no diálogo. Isto faz muito bem. Fez-me muito bem encontrar-me com Sua Santidade Cirilo Kirill, encontrei um irmão. E agora, espiritualmente, caminhemos juntos.

E para concluir, duas palavras. Uma sobre o respeito dos católicos por vós, irmãos ortodoxos russos: a Igreja católica, as Igrejas católicas não devem intrometer-se nas questões internas da Igreja ortodoxa russa, nem sequer nos assuntos

políticos. Esta é a minha atitude, a atitude da Santa Sé hoje. E aqueles que se intrometem não obedecem à Santa Sé. Isto em relação à política. Segundo ponto: a piedade. É importante a oração de uns pelos outros, inclusive a oração pessoal. Nós conhecemos novos irmãos e irmãs, e portanto também a prece individual. Gostaria de vos dizer algo: depois de nos termos encontrado com o Patriarca, ele enviou-me uma relíquia de São Serafim. Eu conservo esta relíquia na minha mesinha de cabeceira e, à noite, antes de ir para a cama, e de manhã, quando me levanto, venero-a e rezo pela nossa unidade.

Muito obrigado! Rezemos uns pelos outros. Abençoe-mos reciprocamente. E caminhemos juntos. Obrigado!

Com um grupo de luteranos o Pontífice relançou o ecumenismo

Temos que ir em frente

«Uma necessidade» e «um desejo»: assim o Papa Francisco definiu o caminho ecuménico empreendido por católicos e luteranos, com o objetivo de superar definitivamente «antigos preconceitos» e «divergências» para «alcançar uma unidade cada vez mais concreta e visível». O Pontífice falou sobre isto, encontrando-se na manhã de 4 de junho com uma delegação da Igreja evangélica luterana alemã.



Prezado Bispo Ulrich
Estimados amigos!

Dou-vos calorosas boas-vindas, feliz pela vossa presença. Agradeço-lhe de coração, Bispo Ulrich, as palavras que me dirigiu e que testemunham o seu compromisso ecuménico. Saúdo cordialmente também os demais representantes do Comité nacional alemão da Federação Luterana Mundial e da Igreja unida evangélica luterana da Alemanha, juntamente com os seus hóspedes.

Recordo com alegria os momentos compartilhados no ano passado, por ocasião da Comemoração conjunta da Reforma. Também nos encontramos no dia 31 de outubro de 2016, em Lund, para caracterizar em espírito de comunhão fraterna aquilo que, ao contrário, devido às feridas do passado, teria podido suscitar polémicas e rancores. Gratos a Deus, pudemos constatar que os quinhentos anos de história – por vezes muito dolorosa – que nos viram contrapostos e frequentemente em conflito, nos últimos cinquenta anos deixa-

ram espaço a uma comunhão crescente. Graças à obra do Espírito, aos encontros fraternos, a gestos caracterizados pela lógica do Evangelho, mais do que pelas estratégias humanas, assim como através do diálogo oficial luterano-católico, foi possível superar antigos preconceitos de ambas as partes. Com a ajuda de Deus, desejamos um futuro orientado para a plena superação das divergências. Temos que ir em frente!

A Comemoração conjunta da Reforma confirmou-nos que o ecumenismo continuará a marcar o nosso caminho. Ele torna-se cada vez mais uma necessidade e um desejo, como demonstram as várias orações em comum e os numerosos encontros ecuménicos que tiveram lugar no ano passado no mundo. Não nos esqueçamos de que devemos começar pela oração, para que não sejam os proje-

tos humanos a indicar o caminho, mas o Espírito Santo: só Ele abre a vereda e ilumina os passos a dar. O Espírito de amor não pode deixar de nos impelir pelas sendas da caridade. Como cristãos, católicos e luteranos somos chamados antes de tudo a amar-nos «intensamente, de todo o coração, uns aos outros», porque somos «regenerados por meio da palavra de Deus, viva e eterna» (1 Pd 1, 22-23). Mas, juntos, estamos chamados também a aliviar as misérias dos necessitados e dos perseguidos. Os sofrimentos de muitos irmãos oprimidos por causa da fé em Jesus constituem também um convite urgente a alcançar uma unidade cada vez mais concreta e visível entre nós. O ecumenismo do sangue!

Amparemo-nos uns aos outros ao longo do caminho, promovendo inclusive o diálogo teológico. Nenhum

diálogo ecuménico pode avançar, se ficarmos parados. Temos que caminhar, prosseguir: não com a pressa de correr em frente, para alcançar metas ambiciosas, mas caminhando juntos com paciência, sob o olhar de Deus. Alguns temas, penso na Igreja, na Eucaristia e no ministério eclesial, merecem reflexões oportunas e bem compartilhadas. É preciso também que o ecumenismo não seja elitista, mas que comprometa o mais possível numerosos irmãos e irmãs na fé, crescendo como comunidade de discípulos que rezam, amam e anunciam. É nesta base que o diálogo ecuménico nos ajudará a progredir, sob a guia do Espírito Santo, na compreensão comum da revelação divina, que se aprofunda conhecendo e amando juntos o Senhor Jesus Cristo, pois «é nele que habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (Cl 2, 9) e «aprove a Deus [...] que por seu intermédio [...] seja reconciliado tudo quanto existe» (Cl 1, 19-20).

Que o Senhor nos acompanhe, para que o nosso ser cristãos esteja mais centrado nele e seja intrépido na missão; a fim de que o cuidado pastoral se enriqueça de serviço e, nas suas várias dimensões, esteja mais imbuída de espírito ecuménico. Invoco sobre todos vós a Bênção do Senhor: que o Espírito Santo desça e una aquilo que ainda está dividido.

Seria bom, no final destas palavras, recitar juntos o Pai-Nosso: “Vater Unser...”.

Missas matutinas em Santa Marta

Segunda-feira, 28 de maio

Alegria cristã

O que interrompe as risadas forçadas de «uma cultura não jubilosa que inventa tudo e mais alguma coisa para se divertir», oferecendo «por todos os lados pedacinhos de vida boa», é a verdadeira alegria do cristão. Que «não se compra no mercado», mas é «um dom do Espírito», preservado pela fé e sempre «em tensão entre memória da salvação e esperança». A homilia pronunciada pelo Papa foi centrada inteiramente na alegria como autêntico «respiro do cristão».

Inspirando-se no trecho evangélico de Marcos (10, 17-27), o Pontífice realçou que «o jovem que queria avançar na vida ao serviço de Deus, que sempre vivera segundo os mandamentos e que foi capaz inclusive de atrair a si o amor de Jesus, quando ouviu a condição que Jesus lhe propunha “entristeceu-se e foi-se embora pesaroso”. Praticamente, «brotou do coração a atitude, as raízes da sua personalidade». Como se dissesse: “Sim, quero seguir o Senhor, ir junto com o Senhor, mas não quero renunciar às riquezas”. Porque, insistiu o Papa, aquele jovem «era prisioneiro das suas riquezas, não era livre e, por esta razão, foi-se embora entristecido».

«Ao contrário na primeira leitura São Pedro fala-nos da alegria, não da tristeza, mas da alegria cristã» continuou o Pontífice, recordando o trecho tirado da primeira leitura do apóstolo (1, 3-9). «Este jovem foi-se todo abatido, porque não era livre, era escravo» explicou. E «São Pedro diz-nos: “sede repletos de alegria”, exultai de alegria». É «forte» a expressão de Pedro: «cheios de alegria, exultai de alegria».

Visitador apostólico para Medjugorje

No dia 31 de maio, o Santo Padre nomeou Sua Excelência D. Henryk Hoser, S.A.C., arcebispo-bispo emérito de Varsóvia-Praga (Polónia), visitador apostólico com caráter especial para a paróquia de Medjugorje, por tempo indeterminado e *ad nutum Sanctae Sedis*, divulgou com um comunicado a Sala de imprensa da Santa Sé, especificando que se trata de um encargo exclusivamente pastoral, em continuidade com a missão de enviado especial da Santa Sé para a paróquia de Medjugorje, confiada a D. Hoser no dia 11 de fevereiro de 2017 e por ele encerrada nos meses passados. A missão do visitador apostólico, concluiu o comunicado, tem a finalidade de assegurar um acompanhamento estável e contínuo da comunidade paroquial de Medjugorje e dos fiéis que ali vão em peregrinação, cujas exigências requerem uma atenção peculiar.

Mas «o que é a alegria?» questionou-se Francisco, referindo-se àquela alegria «que Pedro pede que tenhamos e que o jovem não podia ter porque era prisioneiro de outros interesses». O Papa definiu «a alegria cristã» como «o respiro do cristão». Porque «um cristão que não é alegre no coração – afirmou – não é um bom cristão».

Portanto, a alegria, afirmou o Pontífice, «é o respiro, o modo de se expressar do cristão». Aliás, observou, a alegria «não é algo que se compra ou que se obtém com esforço: não, é um fruto do Espírito Santo». Porque, recordou, o que faz sentir «a alegria no coração é o Espírito Santo». Há «alegria cristã se estivermos em tensão entre a recordação – a memória de sermos regenerados, como afirma São Pedro, que fomos salvos por Jesus – e a esperança daquilo que nos aguarda». E «quando alguém está nesta tensão, é alegre».

Mas, advertiu o Papa, «se esquecermos o que o Senhor fez por nós, ou seja, que nos ofereceu a sua vida, nos regenerou – é forte a palavra, “regenerar”, uma nova criação como afirma a liturgia – e se não olharmos para aquilo que nos espera, isto é, o encontro com Jesus Cristo, se não tivermos memória, não teremos esperança, não poderemos sentir alegria». Talvez «tenhamos sorrisos, isto sim, mas não alegria».

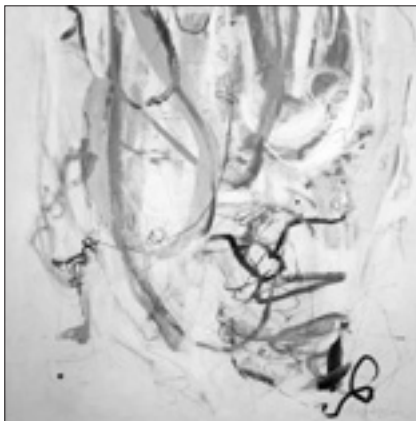
Além disso, reafirmou Francisco, «não se pode viver de modo cristão sem alegria, pelo menos no seu primeiro grau que é a paz». Com efeito, «o primeiro grau da alegria é a paz: sim, quando chegam as provocações, como diz São Pedro, sofremos; mas descemos e encontramos a paz e aquela paz ninguém a pode tirar». Eis por que «o cristão é um homem, uma mulher de alegria, um homem, uma mulher de consolação: sabe viver em consolação, a consolação da memória de ser regenerado e a consolação da esperança que nos aguarda». Precisamente «estes dois constituem aquela alegria cristã e a atitude».

«Alegria não significa viver de risada em risada, não, não é isso» admoestou o Pontífice. A «alegria – acrescentou – não é ser engraçado, não, não é isto, é outra coisa». Porque «a alegria cristã é a paz, a paz que se encontra nas raízes, a paz do coração, a paz que somente Deus nos pode dar: esta é a alegria cristã». O Papa sublinhou que «não é fácil preservar esta alegria». E «o apóstolo Pedro diz que é a fé que a preserva: eu penso que Deus me regenerou, penso que me dará aquele prêmio». Precisamente «esta é a fé e com esta fé preserva-se a alegria, preserva-se a consolação». Por conseguinte, «somente a fé preserva a alegria e a consolação».

«Nós – reconheceu o Papa – vivemos numa cultura não jubilosa, uma cultura em que se inventam

muitas coisas para que nos divirtamos, para que estejamos despreocupados; oferecem-nos em toda a parte pedacinhos de vida boa». Mas «esta não é alegria – explicou – porque alegria não é algo que se compra no mercado: é um dom do Espírito».

Nesta perspectiva, Francisco sugeriu que olhemos para dentro de nós, questionando-nos: «Como está o meu coração? Pacífico, alegre, confortado?». Mais ainda, reafirmou o Pontífice, «também no momento de aflição, no momento da provação, o meu coração não está inquieto de maneira positiva, com aquela inquietação que não é boa: há uma inquietação positiva, mas há outra negativa



Theresa Vandenberg Donche, «Louvor à alegria»

que leva a procurar as seguranças em toda a parte, a procurar prazer por todos os lados». Como «o jovem do Evangelho: ele tinha medo que se deixasse as suas riquezas não seria feliz».

Portanto, «a alegria, a consolação» são «o nosso respiro de cristãos». E portanto, sugeriu Francisco, «peçamos ao Espírito Santo que nos dê sempre esta paz interior, aquela alegria que nasce da recordação da nossa salvação, da nossa regeneração e da esperança naquilo que o futuro reserva». Certamente, «não era cristão: queria estar próximo de Jesus, mas escolheu a própria segurança, não a que Jesus oferecia».

Por este motivo, concluiu o Papa, «peçamos ao Espírito Santo que nos dê a alegria, que nos dê a consolação, pelo menos no primeiro grau: a paz». Cientes de que «ser homens e mulheres de alegria significa ser homens e mulheres de paz, quer dizer homens e mulheres de consolação: que o Espírito Santos nos doe isto».

Terça-feira, 29 de maio

Santidade é liberdade

Santidade é liberdade e ruptura dos esquemas mundanos que nos mantêm prisioneiros num bem estar aparente: eis o caminho cristão de esperança sugerido pelo Papa Francisco.

Inspirando-se na primeira leitura, tirada da primeira carta de Pedro (1, 10-16), o Pontífice observou que «o

apóstolo nos recorda o mandamento, digamos assim, que o próprio Deus e os profetas sempre nos confiaram: o mandamento de ir, de caminhar rumo à santidade». De facto, Pedro escreve: «Sede também vós santos em todas as vossas ações, pois está escrito: “Sede santos, porque eu sou santo”».

«O modelo de santidade é simples mas não é fácil ser santo como o nosso Pai do céu», observou Francisco, recordando que «a chamada à santidade, que é normal, é a chamada a viver como cristão, isto é, viver como cristão é o mesmo que dizer “viver como santo”».

«Muitas vezes pensamos na santidade como algo extraordinário, como ter visões ou recitar orações elevadíssimas» afirmou o Papa. «Alguns até pensam que ser santo significa ter uma cara de santinho». Ao contrário, explicou o Pontífice, «ser santo é outra coisa: consiste em caminhar baseados no que o Senhor nos diz sobre a santidade». Pedro explica claramente o que significa «caminhar na santidade: “colocai toda vossa esperança na graça que vos será dada no dia em que Jesus Cristo aparecer”».

Portanto, afirmou Francisco, «caminhar para a santidade é ir rumo à luz, aquela graça que vem ao nosso encontro». É «é curioso», observou, que «quando caminhamos rumo à luz muitas vezes não vemos bem o percurso, porque a luz nos ofusca». Mas depois «não erramos porque vemos a luz e conhecemos a estrada».

Mas, ao caminhar com a luz atrás de nós vê-se bem a estrada, «contudo na nossa frente não há luz: só sombra» disse o Papa. Portanto «caminhar rumo à luz é ir rumo à santidade». Embora «nem sempre se distingue bem a estrada, mas é caminhar em direção da luz, rumo à esperança». Por isso, «caminhar rumo à santidade é estar em tensão para o encontro com Jesus Cristo».

«Mas há outra situação que não é fácil – advertiu o Pontífice – dado que para caminhar deste modo é necessário que sejamos livres e nos sintamos livres, e existem muitas coisas que nos escravizam». A este propósito «Pedro oferece-nos um conselho: “À maneira de filhos obedientes, já não vos amoldeis aos desejos que têm antes, no tempo da vossa ignorância”. A sugestão é que não vos deixeis levar «por aqueles desejos que conduzem por outro caminho: vivíeis na ignorância e sentíeis desejos que não eram «os desejos de Deus».

Na primeira carta aos Romanos, Paulo «usa a mesma expressão como um conselho». Ele diz: «não entreis – ali a tradução é “não vos conformeis, não entreis nos esquemas”: esta é a tradução correta deste conselho – nos esquemas do mundo, não entreis nos esquemas, no modo de pensar mundano, na maneira de pensar e de julgar que o mundo te oferece, porque isto te tira a liberdade».

«Para caminhar na santidade é preciso ser livre: a liberdade de prosseguir olhando para a luz, de ir em frente» afirmou Francisco. E «quando voltamos, como diz aqui, para o modo de viver que tínhamos antes



Dariusz Labuzek, «All Saints»

Sexta-feira, 1 de junho

Neste mundo de escravos

Vivemos num «mundo de escravos», de «mulheres e homens perseguidos» através das colonizações culturais, das guerras e da fome, que destroem fisicamente e na dignidade: para explicar estas enormes injustiças é preciso entender que por detrás de tudo está o diabo. O Papa Francisco relançou um forte convite a «reestabelecer a imagem de Deus que existe em nós».

«O apóstolo Pedro chama a atenção dos fiéis para a perseguição», disse o Pontífice, citando as primeiras palavras do trecho tirado da primeira carta de São Pedro (4, 7-13), proposto pela liturgia: «Caríssimos, não vos admireis com o fogo da perseguição, como se vos acontecesse algo de extraordinário», porque «a perseguição não é algo de extraordinário, como diz Pedro: não vos preocupeis, não é algo de extraordinário».

«A perseguição – afirmou Francisco – faz parte da vida cristã; aliás, ser perseguido é uma bem-aventurança: “Bem-aventurados quando fordes insultados e perseguidos por causa do meu nome, bem-aventurados”». E «até Jesus foi perseguido e morto na perseguição». A ponto que, observou o Papa referindo-se ao trecho do Evangelho de Marcos (11, 11-25), «quando vai ao templo para o purificar, os sumos sacerdotes – as máximas autoridades – ouviram-no e os escribas procuravam o modo de o matar». Portanto, «Jesus foi perseguido por causa da sua fidelidade ao Pai». De resto, explicou o Pontífice, «desde o primeiro momento, depois do martírio de Estêvão, começou uma grande perseguição contra toda a Igreja: desde o início».

«A perseguição é um pouco “o ar” do qual vive o cristão até hoje – afirmou o Papa – pois ainda hoje há muitos mártires e perseguidos por amor a Cristo». Hoje, insistiu, «em muitos países os cristãos não têm direitos: se trouxeres ao peito um crucifixo vais para a prisão, e há pessoas no cárcere por isto; hoje há pessoas condenadas a morrer por serem cristãs». Francisco recordou que «muitos são assassinados e o seu número é mais alto que o dos mártires dos primeiros tempos. Mais alto!».

No entanto, insistiu, «isto não é notícia, e portanto os telejornais e jornais não publicam estas notícias». Mas «os cristãos são perseguidos – afirmou o Papa – e também isto nos deve fazer refletir sobre a nossa condição de cristãos». A questão é que no fim «sou um cristão tranquilo, levo a minha vida sem me dar conta destes irmãos e irmãs perseguidos».

Exatamente «por isso a palavra de Pedro nos ajuda a repensar, a meditar sobre a condição cristã: “Caríssimos, não vos admireis com o fogo – o fogo – da perseguição, como se vos acontecesse algo de extraordinário”». A perseguição «é algo diário também hoje, e hoje mais que nos primeiros tempos», repetiu o Pontífice. E «esta perseguição contra os cristãos é uma bem-aventurança».

«Mas hoje – alertou Francisco – há outra perseguição no mundo: outra perseguição, não contra os cristãos por serem cristãos, mas contra cada homem e mulher por serem imagem viva de Deus». Pois «por detrás de cada perseguição, quer cristãos quer seres humanos, está o diabo, o demónio que procura destruir a confissão de Cristo nos cristãos e a imagem de Deus no homem e na mulher».

De resto o diabo, explicou o Papa, «desde o início procurou – podemos lê-lo no livro do Génesis – destruir a harmonia entre homem e mulher que o Senhor criou, a harmonia que deriva do ser imagem e semelhança de Deus». E «conseguiu fazê-lo com o engano, a sedução, as armas que usa: faz sempre assim». Mas «até hoje há uma força, diria um furor oposto ao homem e à mulher, caso contrário não se explicaria esta onda crescente de destruições contra o homem, a mulher, o ser humano».

«Pensemos no fenómeno da fome», propôs o Pontífice. A fome «destrói o homem e a mulher que não têm o que comer». Contudo «há muita comida no mundo, mas tantas pessoas não têm o que comer». Segundo o Papa «esta injustiça explica-se porque há alguém que os leva a não terem o que comer». E sugeriu: «Pensai na exploração humana, nas várias formas de escravidão de hoje: o homem e a mulher são escravos dos outros, para serem



Mensur Bojda, «Escravo»

destruídos». E «é elevado o número de escravos no mundo!».

Nesta perspetiva, Francisco fez uma revelação: «Recentemente pude ver um filme feito às escondidas sobre uma revelação que recebe migrantes que fugiram e foram encontrados no mar: as torturas e a destruição para escravizar aquela gente hoje, 70 anos depois da declaração dos direitos humanos! Hoje!». Está em ato, acrescentou o Papa, «uma perseguição contra o homem e a mulher para os destruir». Depois, prosseguiu,

do encontro com Jesus Cristo ou quando voltamos para os esquemas do mundo, perdemos a liberdade».

«Isto não é uma novidade», explicou o Pontífice, observando: «Se lermos o livro do Êxodo notamos certamente muitas vezes que o povo de Deus não quis olhar para a frente, rumo à salvação, mas voltar para trás; diz que se lamentava porque tinha esquecido que Deus o levava para frente, para a terra que tinha prometido». E «imaginava a vida boa que levava no Egito: lá comia cebolas, carne», enquanto «no deserto» sofria «a fome». Acontece que «nos momentos de dificuldade o povo volta atrás, não suporta, perde a liberdade». «É verdade que no Egito nutria-se de iguarias mas pergunto-me: em qual refeitório a comia? No refeitório da escravidão».

«No momento da provação – continuou Francisco – sentimos sempre a tentação de olhar para trás, de olhar para os esquemas do mundo, para os esquemas que tínhamos antes de dar início ao caminho da salvação: sem liberdade». «Sem liberdade não podemos ser santos: a liberdade é a condição para poder caminhar olhando para a luz em frente».

Eis a sugestão do Papa a «não entrar nos esquemas da mundanidade», mas a «caminhar para a frente, olhando para a luz que é a promessa, com esperança». É a mesma «promessa» do «povo de Deus no deserto: quando olhava para a frente ia bem; quando sentia nostalgia por-

que não podia comer as comidas boas que lhe davam no Egito, errava e esquecia que lá não tinha liberdade».

«O Senhor chama-nos à santidade, santidade de todos os dias», insistiu o Pontífice. E para compreender se «estou a caminho rumo à santidade há duas medidas de comparação». A primeira é verificar «se olhas sempre para a frente rumo ao Senhor, para a luz do Senhor na esperança de o encontrar». A pergunta que devemos formular a nós mesmos é: «Tens vontade de te encontrar com o Senhor?». E se respondermos: «Mas não entendo o que é isto», então significa que «algo não corre bem». Por conseguinte, «a primeira pedra de comparação é: tens esperança, caminhando rumo à luz do encontro com o Senhor?».

«O segundo parâmetro – prosseguiu Francisco – é o que fazes quando chegas às provações: continuas a olhar para a frente ou perdes a liberdade, refugiando-te nos esquemas mundanos que te prometem tudo e nada te dão?».

«Sede santos, porque eu sou santo» é o mandamento do Senhor», repetiu o Papa. Acrescentando, na conclusão: «Peçamos a graça de entender bem qual é o caminho da santidade, esta senda da liberdade mas em tensão de esperança rumo ao encontro com Jesus». E também «entender bem o que significa voltar aos esquemas mundanos que tínhamos, todos nós, antes do encontro com Jesus Cristo».

O Papa celebrou a Eucaristia com sacerdotes chilenos

Às 16hoo de sábado 2 de junho, o Santo Padre celebrou a Eucaristia com o grupo de cinco sacerdotes chilenos hóspedes na Casa Santa Marta. A notícia foi divulgada pela Sala de Imprensa da Santa Sé num comunicado no qual se especifica que iniciam deste modo os encontros através dos quais o Pontífice tenciona aprofundar a realidade vivida por uma parte de fiéis e do clero chileno.

O objetivo visado é remediar à rutura interna da comunidade e, quando todos tiverem tomado consciência das próprias feridas, começar a reconstruir uma relação saudável entre os fiéis e os seus pastores.

Uma história muito próxima de nós

Bakhita lida por Véronique Olmi

MARIE-LUCILE KUBACKI

Na sua exortação apostólica sobre a santidade, o Papa Francisco dedica algumas linhas a Josefina Bakhita, ex-escrava que se tornou religiosa, canonizada em 2000 por João Paulo II. Há alguns meses a escritora Véronique Olmi dedicou-lhe um romance poderoso (publicado pela Albin Michel), finalista dos prémios Goncourt e Fémina. Véronique Olmi conta a «La Vie» acerca da sua reação às palavras do Papa.



Josefina Bakhita num desenho comemorativo

Neste mundo de escravos

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 11

«pensem nas colonizações culturais, quando os impérios fazem aceitar disposições da sua cultura contra a independência, contra a cultura do povo, impondo situações que não são humanas, para destruir: impõem a morte, a destruição».

«O Senhor entendeu bem este caminho: o que o demónio quer é a destruição da dignidade e por isso persegue», explicou o Papa. «O Senhor – frisou – entendeu bem quando o diabo o levou ao pináculo do templo e lhe mostrou todos os reinos da terra: «Isto será teu se me adorares, se renegares que és imagem de Deus»».

«É no final – afirmou ainda Francisco – podemos pensar nas guerras como instrumento de destruição do povo, da imagem de Deus». Mas «também nas pessoas que fazem e planificam as guerras para ter poder sobre os outros: há pessoas que gerem muitas indústrias de armas para destruir a humanidade, a imagem do homem e da mulher, física, moral e culturalmente». E, reiterou o Papa, hoje

«Não tenhas medo da santidade. Não te tirará forças, nem vida nem alegria. Muito pelo contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou e serás fiel ao teu próprio ser. Dependendo d'Ele liberta-nos das escravidões e leva-nos a reconhecer a nossa dignidade».

Eu acho muito bonito nas palavras do Papa a propósito de Bakhita o facto de ele nunca usar o termo sacrifício. Fala de alegria e de força. E não fala de escravidão no singular, mas no plural. Das escravidões. Ora bem, se a história de Bakhita mexe

conosco, é por ser a história de uma libertação interior. Existem outros confinamentos além da prisão. Obedecemos a ordens diversas daquelas de patrões proclamados. Respondemos incessantemente a imposições culturais, sociais, que criam determinismos mesmo não tendo nós plena consciência deles. A história de Bakhita não é aquela, distante, de uma africana, mas uma história muito próxima que nos põe novamente em questão em relação às imposições às quais respondemos todos os dias: o discurso comum sobre o qual nos baseamos, o pouco espaço de liberdade que concedemos a nós mesmos para nos afirmarmos como diferentes... Diferente, só Deus sabe se Bakhita o era realmente, em cada etapa do seu percurso, incessantemente!

A dignidade de Bakhita consiste em passar da condição de escrava, de objeto, para a de filha, filha de Deus e, portanto, digna de ser amada. É um convite a sermos nós mesmos, pois é por sermos nós mesmos que somos amados. No início Bakhita tinha muito medo disto: Deus viu tudo, sabe tudo... Nesta grande vergonha das pessoas ofendidas, neste surgir da luz do amor de Deus, há uma espécie de oferta: o que sou é amado. É isto que restitui a Bakhita a sua dignidade. Poder-se-ia afirmar que o cônsul italiano que a faz lavar e vestir restitui-lhe a sua dignidade, mas a dignidade na fé vai muito além. É uma dignidade com uma proposta. Com a fé, tudo isto verifica-se através da alma, a alma libertada. Por conseguinte, a dignidade de Bakhita, que tinha este complexo de sobrevivente, de não ter salvo ninguém, a partir daquele momento se concretiza através dos laços de ternura, solicitude e atenção pelos outros, pelos pequeninos.

«Isto vê-se em Santa Josefina Bakhita, que, «escravizada e vendida como escrava com apenas sete anos de idade, sofreu muito nas mãos de patrões cruéis. Apesar disso compreendeu a verdade profunda que Deus, e não o homem, é o verdadeiro Patrão de todos os seres humanos, de cada vida humana. Esta experiência torna-se fonte de grande sabedoria para esta humilde filha da África»».

Estas breves linhas descrevem Bakhita. A santidade, para mim, é a proposta de uma presença no mundo. Para Bakhita isto verifica-se através das crianças órfãs. É uma presença que haure a sua força no vínculo com Deus, na oração e na confiança em Deus. Quando o Papa fala de patrão, não se trata de um patrão ao qual nos submetemos, mas de um patrão ao qual nos doamos. É uma aventura mística e humana. Quando Bakhita fala do patrão, é no sentido de uma aceitação que induz a uma obediência que é mais um doar-se profundo e vital do que uma submissão.

«Não tenhas medo da santidade».

Leio este apelo como um convite à aventura. Esta aceitação de Deus é a aceitação de algo mais elevado do que nós mesmos, que nos revela que somos mais elevados do que nós mesmos, como nunca pensaríamos ser. Através da bondade, do amor incondicional. Não é algo iluminado. Significa orientar a complexidade humana rumo à divindade. É o convite a uma aventura espiritual que pode ser muito assustadora porque é absoluta, sem partilha, sem concessões, sem meias-medidas. O que me perturbou do percurso de Bakhita foi o facto de ela não ter passado, de um dia para o outro, do inferno da escravidão para a graça. Não teve uma revelação repentina. Passou por mil sofrimentos. Será que o meu lugar é aqui? Posso ser batizada? Posso emitir os votos? Somos guiados por medos que não nos deixam viver o momento presente. Antecipamos com temor as ações que devemos cumprir ou os encontros que devemos ter. O que o Papa nos propõe é o contrário. É o ensinamento da presença no tempo. Dir-se-ia que esta frase, «não tenhas medo da santidade», seja dirigida precisamente a ela. É muito terno! Esta ternura narra algo do papel do Papa, do papá, do pai... que tranquiliza e que propõe. Que aceita e que sabe.

«Cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo».

A fecundidade de Bakhita deriva da sua presença no mundo. Procurando aproximar-se dela, deime conta de que a sua sobrevivência física, e portanto espiritual, dependia daquela presença no mundo que a tornava capaz de ver a beleza por toda parte, sempre. Foi a beleza que a salvou, porque a beleza é o vínculo com o mundo antes de ser para ela o vínculo com Deus. Este aspeto está relacionado com a gratidão. Todos os dias deveríamos ser capazes de agradecer por algo. Ou de agradecer a alguém. Embora seja muito pouco. Mesmo que o dia tenha sido difícil ou dramático. Por ter tido a força de o viver. Não se trata de encontrar uma gratidão externa a nós mesmos, mas de ter um olhar sobre o mundo. Desde quando passei algum tempo com Bakhita, procuro fazer menos julgamentos imediatos sobre o que me rodeia. Temos sempre este reflexo arcaico de defesa, de nos precaver contra o perigo e, portanto, de classificar os seres humanos que nos circundam. Acho que, por vezes, forçamos desmedidamente este reflexo arcaico e isto incomodanos. Logo que acabamos de superar a intuição do perigo, devemos aprender a deixar-nos surpreender mais por aquilo que os outros nos propõem, a ficar mais maravilhados e curiosos. Deveríamos aprender a ter vontade de sermos surpreendidos e desestabilizados... Bakhita faz perder muito a estabilidade. Esta é Bakhita: uma pessoa que, pelo facto de nunca estar lá onde deveria estar, impõe uma diferença luminosa.



Wenders narra Francisco

Apresentado em Cannes o documentário

«**C**ampo aberto a Francisco, filmado nas suas inúmeras viagens. Vale sempre o velho gracejo cunhado sobre Wojtyła: Deus está em todos os lugares, o Papa já lá esteve» escreve Alberto Mattioli em «La Stampa» de 14 de maio falando sobre o documentário de Wim Wenders *Pope Francis. A Man of his Word* apresentado a 13 de maio no festival de Cannes em sessão especial, na véspera da estreia nas salas norte-americanas. «Um retrato global – prossegue Mattioli – de um personagem que não deixa indiferentes. Os católicos vão adorar, sobretudo aqueles que já gostam de Francisco. Para quem não acredita, *Pope Francis* aparenta ser alguém que crê realmente e já é alguma coisa».

Várias vezes, o cineasta alemão tinha expresso o desejo de fazer um filme não sobre, mas com Bergoglio, e conseguiu perfeitamente, até demais, glosa o jornalista com subtil ironia. «Mudadas, seja bem claro, as épocas, sem flabelos nem cadeiras gestató-

rios documentários meus falam do amor que tenho pela música, pela fotografia e pela dança, também este fala sobre a minha admiração e o meu respeito por este homem desde o primeiro dia em que assomou à varanda de São Pedro. Eu queria prestar homenagem à sua coragem e à sua certeza de ter algo importante e urgente para fazer, especialmente através da figura de São Francisco de Assis, de quem assume o nome, que na sua radicalização, na sua pobreza e no seu relacionamento com a natureza, era um visionário do qual sem dúvida alguma a nossa época tem ainda mais necessidade daquela em que ele nasceu. Sou cristão, com uma educação católica convertida ao protestantismo e tenho muitos motivos para não amar aquela Igreja católica que se tornou uma instituição de poder. O Papa Francisco é a melhor coisa que podia acontecer à Igreja do século XXI para dar um novo vigor ao coração das pessoas».

Aliás, Wenders nunca escondeu a sua estima por Bergoglio. Poucos dias após a publicação da encíclica *Laudato si'* escreve uma carta pessoal ao Pontífice, divulgada no livro do Fai [Fundo ambiente italiano] *Laudato si'. Conversazioni sull'Enciclica di Papa Francesco 2015/2016* e publicada em L'Osservatore Romano de 15 de junho de 2016. «Emociona-me profundamente, a ponto que não consigo interromper a leitura» explicava na altura Wenders comentando aquilo que define um dos documentos mais importantes do século XXI. E continuava: «Além disso, dou-me conta de que neste texto o que me comove, o que mexe mais comigo é o tom. O modo como penetra com suavidade na minha mente arrastando-me devagarinho... Não é como ler um texto teórico ou pedagógico, assemelha-se muito mais a uma carta pessoal enviada por um amigo íntimo (e muito competente). Vou em frente lendo e quase consigo ouvir a voz calma do autor, uma voz que nada tem de pedante, muito distante do tom de quem apresenta uma palestra, ao contrário parece a voz de alguém que fala como se estivesse pensando em voz alta, a voz gentil de quem quer partilhar comigo os seus pensamentos».

Da simpatia humana à artística o passo foi breve: «Pensei – explica Wenders a Fabio Falzone de TV2000 – que o meu cinema pudesse ter alguns elementos em comum

com a alma da sua mensagem. Não quis fazer um filme sobre ele como pessoa. Não é uma biografia do Papa Francisco, é uma biografia das suas ideias e estas ideias estão muito próximas do meu coração». A estreia mundial em Cannes «foi um dos momentos mais importantes da minha vida. Eu tinha iniciado – continuou o cineasta alemão – a preparação já há dois anos e escrito a estrutura do filme antes de conhecer o Papa Francisco. A primeira vez que o encontrei íamos ter uma longa conversa de duas horas e eu estava muito preocupado, mas a partir do momento em que ele entrou na sala percebi que não havia motivo para isso. Foi extremamente disponível e gentil e com uma presença fortíssima. Compreendi imediatamente que é um homem com uma presença vigorosa e capaz de conquistar o coração das pessoas. Depois de dois minutos todos nós já não sentíamos qualquer nervosismo, mas somente a vontade de viver este momento. Não havia telefones ou distrações, estava ali para nós. Foram duas horas especiais e já estávamos ansiosos para o encontrar novamente. A minha ideia era que Francisco falasse diretamente às pessoas, ao passo que eu não apareço no documentário, limito-me a narrar. O Papa tem um relacionamento pessoal e direto com os espectadores olhando dentro da câmara para estabelecer com o público um contacto desafetado» prosseguiu o cineasta alemão.

Com o passar do tempo, o que estava agendado como um compromisso de trabalho, tornou-se um encontro humano. «Nunca esquecerei os seus olhos – concluiu Wenders – o modo como o Papa Francisco fala contigo e a forma como te sentes à vontade. Quando fala contigo estabelece-se imediatamente um laço verdadeiro, direto entre as pessoas e esta é a única coisa que deveras conta: como olhamos uns para os outros. A sua mensagem é simples, clara e direta».

Nestes dias no parque da Reggia di Caserta estão a realizar-se as filmagens de um outro filme dedicado aos sucessores de Pedro; em *The Pope*, dirigido por Fernando Meirelles e produzido por Netflix, Anthony Hopkins interpreta Bento XVI e Jonathan Pryce Francisco. O enredo concentrar-se-á sobre a eleição de Ratzinger, a sua renúncia e o advento do sucessor.

«Pensei que o meu cinema pudesse ter alguns elementos em comum com a alma da sua mensagem. Não quis fazer um filme sobre ele como pessoa. Não é uma biografia do Papa Francisco, é uma biografia das suas ideias e estas ideias estão muito próximas do meu coração»

rias, no que diz respeito à hagiografia não estamos muito distantes do *Pastor angelicus* starring Pio XII (1942, com Ennio Flaiano assistente de realização)» observa Mattioli no diário de Turim.

O documentário foi enriquecido por imagens tiradas dos arquivos do Centro televisivo do Vaticano e, com efeito, «foi o Vaticano que me perguntou se eu estava interessado em realizar um filme sobre o Papa – explica o cineasta a Céline Rouden em «La Croix» de 14 de maio narrando a génese da sua obra – mas depois já não interveio. Este filme é um filme meu. Assim como os ou-

De 1970 a 2005 foi arcebispo de Manágua

Faleceu o cardeal Obando Bravo

O cardeal salesiano nicaraguense Miguel Obando Bravo, arcebispo emérito de Manágua, faleceu a 3 de junho. Tinha 92 anos. Nasceu no dia 2 de fevereiro de 1926 em La Libertad (Chontales), na diocese de Juigalpa. Recebeu a ordenação sacerdotal a 10 de agosto de 1958. Foi nomeado auxiliar de Matagalpa a 18 de janeiro de 1968, tendo sido eleito simultaneamente bispo titular de Putia in Byzacena e ordenado a 31 de março seguinte. No dia 16 de fevereiro de 1970 foi nomeado arcebispo de Manágua. No consistório de 25 de maio de 1985, João Paulo II criou-o e publicou-o cardeal do título de São João Evangelista em Spinceto. A 1 de abril de 2005 renunciou ao governo pastoral da arquidiocese.

A conferência episcopal anunciou ao povo nicaraguense o falecimento do purpurado, defensor incansável dos direitos humanos, que em 2016 a assembleia nacional proclamou *prócer de la paz y la reconciliación*. E o cardeal Leopoldo José Brenes Solórzano, seu sucessor na sede de Manágua, recordou-o imediatamente na missa celebrada na paróquia de Jesus Sacramentado, na capital.

Em todo o país o cardeal Obando Bravo — como confirmam os testemunhos unânimes de estima e afeto nessas horas — é considerado um

dos principais artífices da reconciliação nacional pela sua obra de mediação nos anos setenta entre Anastasio Somoza Debayle e os guerrilheiros e, nos anos oitenta, entre o governo sandinista de Daniel Ortega e os grupos armados revolucionários dos Contras. Pela sua corajosa ação em prol da paz e dos mais débeis recebeu numerosos tributos no mundo inteiro.

Nascido numa família de camponeses, segundo de seis filhos, frequentou os cursos do colégio salesiano de Granada e obteve o bacharelato

em latim e grego em San Salvador, onde frequentou também a Escola Normal superior, formando-se em matemática, física e filosofia. Entrou na Congregação salesiana, estudou teologia na Guatemala e psicologia das vocações na Colômbia, na Venezuela e em Roma.

Recebeu a Ordenação sacerdotal em 1958, ensinou matemática e física nas escolas secundárias da Nicarágua e de El Salvador. Além disso, foi prefeito de disciplina no seminário salesiano de San Salvador e reitor do instituto salesiano “Rinaldi”, desempenhando também vários cargos na sua congregação.

Em 1968 Paulo VI nomeou-o auxiliar da diocese de Matagalpa, onde dedicou uma particular atenção pastoral e social aos camponeses. Dois anos depois foi nomeado arcebispo de Manágua, assumindo simultaneamente um papel de primeiro plano no episcopado. Presidente da Conferência episcopal por seis períodos, de 1971 até 1997, e novamente a partir de 1999 — foi inclusive presidente do Secretariado episcopal da América Central e Panamá (Sedac) de 1976 a 1980 e presidente do departamento dos religiosos do Conselho episcopal latino-americano (Celam) de 1981 a 1985.

Sempre com voz alta combateu injustiças e violências, inclusive através de cartas pastorais e do jornal diocesano. Denunciou sistematicamente corrupções e violações dos direitos humanos. Convicto de que os problemas se resolvem com o diálogo, foi responsável dos acordos para a paz e a reconciliação que, em várias ocasiões, puseram fim às violências.

Fiel ao seu lema episcopal paulino: “Fiz-me tudo para todos”, o cardeal recordou que a Igreja no país



não estava com um partido mas com o povo, pronta a denunciar todas as injustiças. Uma Igreja totalmente dedicada à evangelização. E para a fortalecer nesta missão promoveu em Manágua o Sínodo diocesano, com o objetivo de fazer penetrar na sociedade a verdade sobre Cristo e a verdade sobre o homem, também graças ao contributo dos leigos cristãos.

Não deixou de levar as questões da sua terra à atenção do mundo, fortalecido também pela criação cardinalícia de 1985: quando voltou à pátria todo o povo saiu pelas ruas para receber em festa o primeiro purpurado centro-americano. Em 1987 João Paulo II convidou-o a escrever os textos das meditações para a Via-Sacra no Coliseu.

Pronunciando-se no Sínodo especial para a América, a 20 de novembro de 1997, afirmou que os cristãos devem pôr-se em primeira linha na batalha por quantos têm fome e sede de justiça. Exortou a eliminar violências, preconceitos, desigualdades e discriminações a todos os níveis, pedindo que as nações fossem solidárias entre si e enfrentassem inclusive a questão da dívida externa, que na sua opinião deveria ser solucionada «através de uma perspectiva ética global».

Pesar do Papa

Ao tomar conhecimento da morte do cardeal salesiano Miguel Obando Bravo, arcebispo emérito de Manágua, o Papa enviou ao seu sucessor, o cardeal Leopoldo José Brenes Solórzano, o seguinte telegrama.

Ao receber com tristeza a notícia da morte do Eminentíssimo Cardeal Miguel Obando Bravo, S.D.B., Arcebispo emérito de Manágua, apresento a Vossa Eminência as minhas condolências, pedindo-lhe gentilmente que as transmita também aos membros da Sociedade de Dom Bosco, aos familiares do saudoso prelado e a quantos fazem parte desta amada Arquidiocese.

Ao mesmo tempo, recordando este Pastor que não se poupou durante anos e com generosa fidelidade doou a sua vida ao serviço de Deus e da Igreja, ofereço sufrágios pelo eterno repouso da sua alma, a fim de que o Senhor Jesus lhe dê a coroa de glória que não esmorece e a todos concedo a Bênção Apostólica.

FRANCISCO PP.

Em Nápoles a beatificação de Maria Gargani

Lâmpada eucarística

«Quer quando era leiga, terciária ou apóstola da fé católica, quer na qualidade de religiosa, de superiora-geral, foi incansável e corajosa ao testemunhar a fé em todos os ambientes, sobretudo naqueles da escola pública e das áreas rurais», recordou o cardeal Angelo Amato presidindo, em representação do Papa Francisco, ao rito de beatificação de Maria Crucificada do Amor Divino, no século Maria Gargani, fundadora da congregação das irmãs apóstolas do Sagrado Coração. O rito foi celebrado na manhã de sábado, 2 de junho, na catedral de Nápoles, na presença dos cardeais Crescenzo Sepe, pastor da arquidiocese campana, e de Philippe Nakellentuba Ouedraogo, arcebispo de Ouagadougou.

O prefeito da Congregação para as causas dos santos sublinhou como a nova beata soube unir a vida contemplativa com a ativa: «Dedicava-se totalmente à conquista das almas com o exemplo, a palavra e a oração». O purpurado recordou que certo dia Maria foi à missa de manhã cedo. Os seus pais, «vendo que não voltava para almoçar, pediram ao sacristão que abrisse a igreja. En-

contraram-na ainda em adoração aos pés do tabernáculo». Fazia companhia a Jesus, frisou, porque era «realmente uma lâmpada eucarística viva, sempre acesa de caridade».



Uma testemunha afirmava que entre as suas virtudes, «a caridade saltava aos olhos das pessoas». Com efeito, acrescentou o cardeal, desta virtude «brotavam todas as outras. Em particular, tinha uma devoção especial pelo sagrado Coração de Jesus e afirmava que trabalhava somente por ele e, por ele, teria sido capaz de se lançar ao fogo». Vivia orientada para o encontro com o Senhor no Paraíso. «Estava completamente afastada das coisas deste mundo», observou o purpurado. No seu diário, a 28 de março de 1953, escrevia que «o mundo é uma ponte sobre a qual passar por cima, mas não para construir nela a morada».

Com grande fé, continuou o prefeito, «enfrentou as inevitáveis dificuldades da vida». Nos primeiros anos da fundação da congregação, uma jovem deixou a casa levando todos os seus pertences. Então «as apóstolas remediaram procurando usar uma única grande tigela para as refeições e confiaram-se à Providên-

cia que não deixou faltar a sua ajuda».

Além disso, acrescentou o purpurado, a esperança «tinha um papel fundamental» para o crescimento espiritual. Sentia-se feliz quando podia falar do amor de Deus pelas criaturas. A nova beata pôs em prática o mandamento de Jesus dirigido ao jovem rico: vende tudo o que possuis e segue-me. Alguns afirmam, recordou o cardeal, que «todos os meses renunciava ao salário de professora para o distribuir aos pobres e atender às necessidades dos doentes e dos indigentes». Recebeu o conforto de padre Pio de Pietrelcina que a tranquilizou com estas palavras: «Tu não ofendes o Senhor, pelo contrário». O amor de Deus «impelia-a a ajudar o próximo necessitado». Com efeito, depois da escola «ia visitar os enfermos e os doentes no hospital».

Neste exercício da caridade contraiu uma longa doença, todavia perseverou na assistência aos enfermos, sobretudo aos que se rebelavam e protestavam contra Deus. Ha-

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

No dia 1 de junho

Sua Ex.^{cia} o Senhor Markus Söder, Presidente do Estado Livre da Baviera, com o Séquito.

Sua Beatitude Ignace Youssif III Younan, Patriarca de Antioquia dos Sírios; e D. Adolfo Tito Yllana, Núncio Apostólico na Austrália.

No dia 2 de junho

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; D. Rino Passigato, Núncio Apostólico em Portugal; e D. Waldemar Stanislaw Sommertag, Núncio Apostólico na Nicarágua.

Suas Ex.^{cias} a Senhora Slavica Karačić, Embaixadora da Bósnia e Herzegovina, em visita de despedida; e o Senhor Professor Luigino Bruni.

No dia 4 de junho

Sua Ex.^{cia} o Senhor Mateusz Morawiecki, Presidente do Conselho de Ministros da República da Polónia, com o Séquito.

D. Martin Krebs, Núncio Apostólico na Nova Zelândia, Fiji, Ilhas Cook, Ilhas Marshall, Quiribati, Nauru, Palau, Samoa, Estados Federados da

Micronésia, Vanuatu e Tonga; e Delegado Apostólico no Oceano Pacífico; e os Rev.^{mos} Monsenhores Fernando Chica Arellano, Observador Permanente junto das Organizações e dos Organismos das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (F.A.O., I.F.A.D., P.A.M.); e Paolo Rudelli, Enviado Especial, Observador Permanente junto do Conselho da Europa.

Ereção de Diocese e de Eparquia

Sua Santidade erigiu:

A 31 de maio

A Diocese de El Tigre (Venezuela), com território desmembrado da Diocese de Barcelona, tornando-a sufragânea da Arquidiocese Metropolitana de Cumaná.

A Eparquia para os fiéis católicos de rito bizantino residentes na ex-Repubblica Jugoslava da Macedónia, até esta data Exarcado Apostólico, atribuindo à nova Circunscrição o título da «Bem-Aventurada Maria Virgem da Assunção em Strumica-Skopje».

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 2 de junho

De D. Héctor Aguer, ao governo pastoral da Arquidiocese de La Plata (Argentina).

No dia 5 de junho

De D. Heinz Josef Algermissen, ao governo pastoral da Diocese de Fulda (Alemanha).

No dia 6 de junho

De D. Luis Madrid Merlano, ao governo pastoral da Arquidiocese de Nueva Pamplona (Colômbia).

De D. Gilio Felício, ao governo pastoral da Diocese de Bagé (Brasil).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 31 de maio

Primeiro Bispo da Diocese de El Tigre (Venezuela), D. José Manuel Romero Barrios, até esta data Auxiliar de Barcelona.

Primeiro Bispo da Eparquia para os fiéis católicos de rito bizantino residentes na ex-Repubblica Jugoslava da Macedónia, D. Kiro Stojanov, Bispo de Skopje, até esta data Exarca Apostólico da mesma Circunscrição.

A 1 de junho

Bispo da Eparquia de Parma dos Rutenos (EUA), D. Milan Lach, s.i., até esta data Administrador Apostólico «sede vacante» da mesma Eparquia, transferindo-o da Sede Titular de Ostracine.

A 2 de junho

Arcebispo de La Plata (Argentina), D. Víctor Manuel Fernández, até agora Arcebispo Titular de Tiburnia.

Bispo da Diocese de Saitama (Japão), o Rev.^{do} Pe. Mario Michiaki Yamanouchi, s.d.b., até hoje Inspetor da Sociedade Salesiana de São João Bosco (Salesianos) no Japão.

D. Mario Michiaki Yamanouchi, s.d.b., nasceu em Oita (Japão), a 8 de dezembro de 1955. Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 21 de dezembro de 1984.

Auxiliares da Arquidiocese de Osaka (Japão), os Rev.^{dos} Padres Josep Maria Abella Batlle, C.M.F., até agora pároco da Catedral da mesma Sede Metropolitana; e Paul Toshihiro Sakai, membro do Opus Dei, até hoje Secretário-Geral da Prelazia do Opus Dei no Japão, simultânea e respetivamente eleitos Bispos Titulares de Methamaucum e de Nova Barbara.

D. Josep Maria Abella Batlle, C.M.F., nasceu no dia 3 de novembro de 1949, em Lleida (Espanha). Recebeu a Ordenação sacerdotal a 12 de julho de 1975.

D. Paul Toshihiro Sakai nasceu em Ashiya (Japão), a 23 de março de 1960. Foi ordenado Sacerdote no dia 20 de agosto de 1988.

Magnífico Reitor da Pontifícia Universidade Lateranense em Roma, o Senhor Professor Vincenzo Buonomo, até esta data Coordenador dos Doutorados da Faculdade de Direito Civil da mesma Pontifícia Universidade. O Professor Buonomo assumirá a função do seu novo Cargo a 1 de julho.

A 3 de junho

Administrador Apostólico «Sede Plena» da Arquidiocese de Adelaide (Austrália), D. Gregory O'Kelly, s.i., atualmente Bispo de Port Pirie.

A 5 de junho

Bispo da Diocese de Nanterre (França), o Rev.^{do} Pe. Matthieu Rougé, do clero de Paris, até agora Decano e Pároco de Saint-Ferdinand des Ternes.

D. Matthieu Rougé nasceu a 7 de janeiro de 1966, em Neuilly-sur-Seine (França). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 25 de junho de 1994.

Prelados falecidos

Adormeceram no Senhor:

No dia 29 de maio

D. Arturo Antonio Szymanski Ramirez, Arcebispo Emérito de San Luis Potosí (México).

O venerando Prelado nasceu em Tampico (México), a 17 de janeiro de 1922. Foi ordenado Sacerdote no dia 22 de março de 1947. Recebeu a Ordenação episcopal em 21 de junho de 1960.

No dia 1 de junho

D. René Séjourné, Bispo Emérito de Saint-Flour (França).

O saudoso Prelado nasceu no dia 20 de maio de 1930. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 7 de outubro de 1955. Foi ordenado Bispo em 5 de setembro de 1987.

Beatificada Maria Gargani

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 14

via uma jovem, recordou o prefeito, que depois da doença tinha perdido a fé. Maria acompanhou-a até à morte, reconciliando-a com Deus. A beata interessava-se «também pelas necessidades das crianças arranjando-lhes alimento e roupas. Era considerada uma professora experiente e uma ótima educadora». Em particular, na escola pública encontrou um campo de apostolado. De facto, «muitas vezes seguia as atividades pós-escolares gratuitamente para os estudantes necessitados, aos quais providenciava também materiais didáticos». Na paróquia era catequista e, por vezes, o pároco concedia-lhe inclusive que fizesse a pregação. Este apostolado encontrou «terreno fértil nas áreas rurais onde havia ignorância religiosa».

Maria convidava as irmãs a ter uma preparação adequada para esta missão. Possuía muitos «talentos naturais: sabia tocar, bordar, cozinhar e desempenhar trabalhos domésticos». Mesmo sendo a fundadora permanecia humilde e modesta, a ponto «que se sentia culpada pelas falhas dos outros». A humildade, concluiu o cardeal «tornou-se o seu hábito natural. Enquanto estava viva todos já a consideravam santa».



Por ocasião das celebrações para a festa litúrgica dos Santos Cirilo e Metódio, na sexta-feira 25 de maio, o Papa Francisco recebeu em audiência o primeiro-ministro da República da Bulgária, Boyko Borissov, com uma delegação. Sucessivamente, o Pontífice recebeu inclusive o primeiro ministro da ex-Repubblica Jugoslava



da Macedónia, Zoran Zaev, com a esposa e uma delegação.

As delegações encontraram-se também com o cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado, juntamente com o arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados.

Para a festa litúrgica dos Santos Cirilo e Metódio

Encontro com as delegações da Bulgária e da ex-Repubblica Jugoslava da Macedónia

Receber para dar

Os crismados na vida da Igreja

«O dom do Espírito Santo faz amadurecer nos crismados» frutos que os levam «a tornar-se, por sua vez, uma dádiva para os outros», ressaltou o Pontífice dando continuidade às catequeses sobre a Crisma, durante a audiência geral de quarta-feira 6 de junho na praça de São Pedro.

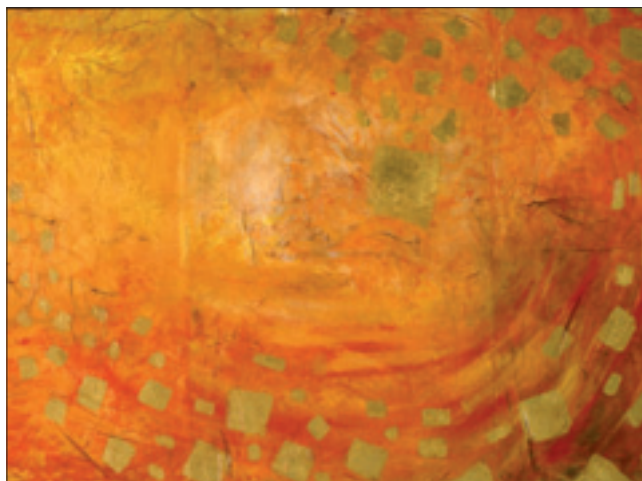
Bom dia, prezados irmãos e irmãs! Prossequindo a reflexão sobre o Sacramento da Confirmação, consideremos os efeitos que o dom do Espírito Santo faz amadurecer nos crismandos, levando-os a tornar-se, por sua vez, uma dádiva para os outros. O Espírito Santo é um dom! Recordemos que, quando nos dá a unção com o óleo, o bispo diz: “Recebe o Espírito Santo, que te é concedido como dom”. Aquele dom do Espírito Santo entra em nós e frutifica, para que nós o possamos transmitir aos demais. Receber sempre para oferecer: nunca receber e conservar as coisas dentro, como se alma fosse um armazém. Não: receber sempre para oferecer. Recebemos as graças de Deus para as dar aos outros. Esta é a vida do cristão. Portanto, é próprio do Espírito Santo descentrarmos do nosso eu, abrindo-nos ao “nós” da comunidade: receber para dar. Nós não estamos no centro: somos um instrumento daquela dádiva para os outros.

Completando nos batizados a semelhança a Cristo, a Confirmação une-os mais fortemente como membros vivos ao Corpo místico da Igreja (cf. *Rito da Confirmação*, n. 25). A missão da Igreja no mundo procede através da contribuição de todos aqueles que fazem parte dela. Alguns pensam que na Igreja existem padrões: o Papa, os bispos, os sacerdotes e depois os outros. Não: todos nós somos Igreja! E todos temos a responsabilidade de nos santificarmos uns aos outros, de cuidarmos dos demais. Todos nós somos Igreja! Cada qual tem a sua função na Igreja, mas todos nós somos Igreja! Com efeito, devemos pensar na Igreja como num organismo vivo, composto por pessoas que conhecemos e com as quais caminhamos, e não como numa realidade abstrata e distante. A Igreja somos nós que caminhamos, a Igreja somos nós que hoje nos encontramos nesta praça. Nós: esta é a Igreja. A Confirmação vincula à Igreja universal espalhada pela terra inteira, mas compromete ativamente os crismandos na vida da Igreja particular à qual pertencem, tendo como cabeça o Bispo, que é o sucessor dos Apóstolos.

E por isso o Bispo é o ministro originário da Confirmação (cf. *Lumen gentium*, 26), porque insere o confirmado na Igreja. O facto de que, na Igreja latina, este sacramento seja normalmente conferido pelo Bispo põe em evidência o seu «efeito de unir mais estreitamente aqueles que o recebem à Igreja, às suas origens

apostólicas e à sua missão de dar testemunho de Cristo» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1313).

E esta incorporação eclesial é bem significada pelo sinal de paz que conclui o rito da Crisma. Com efeito, a cada confirmado o Bispo diz: «A paz esteja contigo!». Recordando a saudação de Cristo aos discípulos na noite de Páscoa, cheia de Espírito Santo (cf. *Jó* 20, 19-23) — ouvimos — estas palavras iluminam um gesto que «manifesta a comunhão eclesial com o Bispo e com todos os fiéis» (cf. *CIC*, n. 1301). Na Crisma, nós recebemos o Espírito Santo e a paz: aquela paz que devemos transmitir aos outros. Mas pensemos: cada qual pense, por exemplo, na própria comunidade paroquial. Há a cerimónia da Crisma, e depois trocamos o gesto da paz: o Bispo oferece-a ao crismado e em seguida, na Missa, trocamos-la entre nós. Isto significa harmonia, quer dizer caridade entre nós, significa paz. Mas depois, o que acontece? Saimos e começamos a falar mal do próximo, a “esfolar” os outros. Começam as tagarelices. E as bisbilhotices são guerras. Isto não está certo! Se recebemos o sinal da paz com a força do Espírito Santo, devemos ser homens e mulheres de paz, e não destruir com a língua a paz instaurada pelo Espírito. Quanto trabalho tem o desventurado Espírito Santo conosco, com este hábito da bisbilhotice! Pensei bem: a tagarelice não é uma obra do Espírito Santo, não é uma obra da unidade da Igreja. A bisbilhotice destrói



Filippo Rossi, «A coragem do Espírito»



aquilo que Deus faz. Mas por favor: deixemos de tagarelar!

A Confirmação só se recebe uma vez, mas o dinamismo espiritual suscitado pela santa unção persevera no tempo. Nunca cessaremos de cumprir o mandato de propagar em toda a parte o bom perfume de uma vida santa, inspirada pela fascinante simplicidade do Evangelho.

Ninguém recebe a Confirmação somente para si mesmo, mas para cooperar no crescimento espiritual dos outros. Só assim, abrindo-nos e saindo de nós mesmos para ir ao encontro dos irmãos, podemos realmente crescer e não apenas iludir-nos que o fazemos. Com efeito, aquilo que recebemos como dom de Deus deve ser transmitido — o dom é para ser oferecido — a fim de que seja fecundo e não, ao contrário, enterrado por causa de temores egoístas, como ensina a parábola dos talentos (cf. *Mt* 25, 14-30). Até a semente, quando a temos na mão, não deve ser colocada ali, no armário, nem deixada de lado: é para ser semeada. Devemos transmitir à comunidade o dom do Espírito. Exorto os crismados a não “enjaular” o Espírito Santo, a não opor resistência ao Vento que sopra para os impelir a caminhar na liberdade, e não sufocar o Fogo ardente da caridade, que leva a consumir a vida por Deus e pelos irmãos. Que o Espírito Santo conceda a todos nós a coragem apostólica de comunicar o Evangelho, com obras e palavras, a quantos encontrarmos no nosso caminho.

Com obras e palavras, mas com palavras boas, que edificam. Não com palavras de bisbilhotice, que destroem. Por favor, quando saídes da igreja, pensai que a paz recebida é para ser oferecida aos outros; não para ser destruída com bisbilhotices. Não vos esqueçais disto!

A exortação a «ajudar os sacerdotes com a proximidade e o afeto», de forma particular no mês de junho, dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, foi dirigida pelo Papa Francisco durante a saudação aos fiéis reunidos para a audiência geral.

Queridos peregrinos de língua portuguesa, particularmente os grupos brasileiros vindos de Ourinhos, Goiânia, Bauru e Venâncio Aires: sede bem-vindos! Todos nós que recebemos o dom do Espírito Santo devemos invocá-lo com mais frequência, para que Ele nos guie pela estrada dos discípulos de Cristo, aos quais é pedido para que sejam cristãos em todas as circunstâncias e escolhas da vida.

Que Deus vos abençoe!

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua árabe, de modo especial os provenientes da Terra Santa, do Egito e do Médio Oriente. Ninguém recebe a Confirmação somente para si mesmo, mas para cooperar no crescimento espiritual dos outros. Os Dons de Deus são-nos concedidos a fim de que os ofereçamos aos demais, porque eles aumentam com a partilha e desaparecem com o egoísmo. Portanto, não devemos ter medo de oferecer o que recebemos continuamente do Espírito Santo, através do testemunho de uma vida santa e da propagação do perfume da sua Palavra viva entre os irmãos. Que o Senhor abençoe todos vós e vos proteja do maligno!

Na sexta-feira celebraremos a Solenidade do Santíssimo Coração de Jesus. Durante todo o mês de junho, convido-vos a rezar ao Coração de Jesus e a ajudar os vossos sacerdotes com a proximidade e o afeto, a fim de que sejam imagem daquele Coração de amor misericordioso.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. Hauri do Coração de Jesus o alimento e a bebida espiritual da vossa vida para que, nutridos por Cristo, possais ser pessoas novas, transformadas profundamente por aquele amor divino. Obrigado!